

A 24/2 fevereiro 1971
Liahona





Mensagem de Inspiração

Thomas S. Monson

do Conselho dos Doze

Obedeçam ao conselho do apóstolo Pedro, que recomendava: "... estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós." (I Pedro 3:15) Levantem a voz e testifiquem a verdadeira natureza da Deidade. Prestem testemunho do Livro de Mórmon. Transmitam as gloriosas e belas verdades contidas no plano de salvação.

Lembro-me de certo missionário nôvo de uma comunidade rural, que servia no Canadá. Era pequeno de estatura, porém grande em testemunho. Junto com seu companheiro, procurou a casa de Elmer Pollard, em Oshawa, Província de Ontário, no Canadá. Penalizado, o Sr. Pollard convidou os dois jovens que, mesmo com a ofusante tempestade de neve, batiam de casa em casa, para entrar. Eles apresentaram-lhe a mensagem, cujo espírito não foi compreendido. Após algum tempo, foram despedidos com a recomendação de não voltar. As últimas palavras daquele senhor, ditas com escárnio, ao deixarem a entrada principal, foram: "Vocês, por certo, não esperam que eu acredite realmente que crêem em que Joseph Smith foi um profeta de Deus!", e bateu a porta. Os élderes desceram pelo caminho. Então, o jovem camponês disse ao companheiro: "Élder, não respondemos à dúvida do Sr. Pollard. Ele disse que não acreditávamos que Joseph Smith foi um verdadeiro profeta. Vamos voltar e prestar-lhe nosso testemunho." A princípio, o missionário mais experimentado hesitou, mas, finalmente, aquiesceu. Com o coração tomado de temor, voltaram à porta da qual haviam sido mandados embora. Uma batida, o confronto com o Sr. Pollard, um instante angustiante, depois o poder de um testemunho nascido do Espírito: "Sr. Pollard, o senhor disse que não acreditávamos que Joseph Smith foi realmente um profeta de Deus. Sr. Pollard, testifico-lhe que ele foi um profeta e traduziu o Livro de Mórmon. Ele viu a Deus, o Pai, e a Jesus Cristo, o Filho. Eu sei que isto é verdade."

O Sr. Pollard, agora Irmão Pollard, algum tempo mais tarde declarou numa reunião do Sacerdócio: "Naquela noite, não consegui dormir. Em meus ouvidos, continuavam a ressoar aquelas palavras": Joseph Smith foi um profeta de Deus. Eu sei que isto é verdade: Eu sei. Eu sei. Eu sei. "No dia seguinte, telefonei aos missionários. A mensagem, aliada ao testemunho deles, mudou minha vida e a da minha família." Preguem a verdade com testemunho.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Thomas S. Monson	2
A Santidade do Matrimônio. Pres. Joseph Fielding Smith	3
Todos Prestaram Testemunho. Delbert L. Stapley	5
Aonde Mandares Irei. Albert L. Zobell, Jr.	7
Depois de Dez Anos... Betty McMillan	9
Meu Encontro Com o Mormonismo. Robert L. Cannon	10
Cataclismos no Peru. Relato de Dois Missionários	11
Um Nôvo Aspecto. Lawrence W. Rand	12
Oferecer um Sacrifício Aceitável ao Senhor. Owen C. Bennion	14
A Lande e a Abóbora. La Fontaine	17
O Jôgo do Sorriso. Bernadine Beatie	18
Enfrentar os Desafios da Vida. Bispo John H. Vandenberg	21
O Risco do Amor. Catherine Kay Edwards	23
O Presidente da Igreja. H. Parker Blount	26
O Hábito de Ser Grato. Bonnie J. Babbel	30
Notícias da Igreja no Brasil.	32
Boas Maneiras no Casamento. Richard L. Evans	36

Capa

A capa dêste número reproduz um nôvo quadro de autoria do pintor Tom Lovell, que será amplamente utilizado pelo Serviço Informativo da Igreja, nos centros de visitantes.

A 24/2 fevereiro 1971
Liahona

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo

Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia

CP 19079, São Paulo, SP

Tel. 80-9675

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

Aldo Francesconi

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Correspondente

Estevam Giagnório

Estaca São Paulo Sul

R. Catequese, 432, Santo André, SP

Correspondente

Armando Jekabson

Missão Brasil Central

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP

Tel. 80-4638

Correspondente

Bruce G. Howard

Missão Brasil Sul

R. Dr. Flôres, 105, 14.º

CP 1513, Porto Alegre, RS

Tel. 24-9748

Correspondente

Wilma Bing Torgan

Missão Brasil Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB

Tel. 225-1839

Correspondente

Charles K. Gunn

Construção Geral no Brasil

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP

Tel. 288-4118

Correspondente

Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico

Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263, impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Subscrições: Tôda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,00; exemplar atrasado: Cr\$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

A Santidade do Matrimônio

Presidente Joseph Fielding Smith



O casamento é considerado por muita, muita gente como um mero contrato ou acôrdo civil entre um homem e uma mulher, estipulando que irão viver juntos “até que a morte os separe”.

Nenhuma ordenança ligada ao Evangelho de Jesus Cristo é mais importante, de natureza mais solene e sagrada e mais necessária à felicidade eterna do homem, do que a do casamento na casa do Senhor. É um princípio eterno do qual depende a própria existência da humanidade. A lei matrimonial foi dada ao homem pelo Senhor, nos primórdios do mundo, como parte da lei do Evangelho. Segundo o plano do Evangelho, o casamento deve perdurar por

tôda a eternidade. Vivesse a humanidade inteira em estrita obediência a êle, e naquele amor gerado pelo Espírito do Senhor, todos os casamentos seriam eternos, não se conhecendo o divórcio.

O divórcio não integra o plano do Evangelho, tendo sido introduzido devido à dureza de coração e descrença do povo. Quando os fariseus tentaram Jesus, dizendo: "É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?", êle respondeu-lhes: "Não tendes lido que aquêle que os fêz no princípio macho e fêmea os fêz, e disse: Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne, portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem." E quando, então, perguntaram-lhe por que Moisés permitia o divórcio, retrucou: "Moisés por causa da dureza dos vossos corações vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim." (Veja Mateus 19:3-8). O que Deus ajuntou é eterno.

O casamento é um princípio que, quando aceito, provê mais desafios e bênçãos do que outro qualquer. Deveria ser vivido no espírito de paciência e amor, mesmo aquêle amor maior que nasce do poder do Espírito Santo. Nada mais preparará melhor a humanidade para a exaltação no reino de Deus, como a fidelidade ao convênio do casamento. Através dêle, talvez mais do que por qualquer dos outros, atingimos o grau perfeito da vontade divina.

Se devidamente recebido, êsse convênio poderá ser o meio de o homem encontrar sua maior felicidade. Dêle emanam as maiores bênçãos — as maiores honras nesta vida e na do porvir — honra, domínio, e poder em perfeito amor. Essas bênçãos de glória eterna estão reservadas àqueles que estão dispostos a serem fiéis a êste e a todos os demais convênios do Evangelho.

O Senhor deu à Igreja instruções definidas com referência a êsse princípio, tão essencial à felicidade do homem. Na Igreja, existe uma cerimônia que proporciona às partes consorciadas bênçãos que não findam com a morte. No conceito SUD, o casamento é um convênio destinado a ser perpétuo, sendo o fundamento para a exaltação eterna, pois, sem êle, não poderia haver progresso sem fim no reino de Deus.

Entre os santos dos últimos dias, os matrimônios são eternos quando devidamente celebrados, porque o Pai Eterno instituiu o convênio do casamento que é recebido pelos casais que vão ao templo em busca dessa bênção. O conceito quase universal de que o casamento é um contrato que infalivelmente terminará com a morte, não provém do Pai Celestial. Foi introduzido pelo inimigo da verdade, que jurou destruir o reino da justiça, se lhe fôsse possível. O primeiro matrimônio celebrado na terra o foi antes de a morte existir no mundo, e nêle não se cogitou a possibilidade de morte e separação.

Possam todos os jovens SUD almejar, de todo o coração e alma, o verdadeiro e sagrado caminho do casamento eterno.

Possam todos os pais e mães SUD ensinar aos filhos a santidade do convênio do casamento. Que instilem nos filhos que não há outro meio de se conseguirem as bênçãos da vida eterna, que não seja honrando os convênios de Deus, e entre os maiores, o do casamento eterno.

Se forem fiéis a êsses mandamentos, sua glória e exaltação não terá limites: "... tôdas as coisas... são dêles e êles são de Cristo, e Cristo é de Deus. E êles vencerão tôdas as coisas." (D&C 76:59-60).



Todos Prestaram Testemunho

Delbert L. Stapley

do Conselho dos Doze

Tenho ouvido a juventude da Igreja indagar: "Como saber que existe um Deus, um Cristo, profetas, uma vida após a morte e que o homem não evoluiu de alguma forma de vida inferior?"

A iniquidade, os poderes do maligno e as trevas em que se debate o mundo estão destruindo a fé que a juventude possui; por isso, existe uma profunda preocupação nos líderes da Igreja, em todos os níveis. Reconhecem eles os ardilosos esforços dos corruptores, homens e mulheres, para confundir os jovens, muitos dos quais estão sendo conduzidos "astutamente ao inferno" (Néfi 28:21), por pessoas que o Presidente J. Reuben Clark Jr. chamou de "induzidores de dúvidas".

Entre tais "induzidores de dúvidas", podemos contar:

O **cético** — cujo maior empenho é questionar e descreditar a verdade aceita e divinamente revelada.

O **agnóstico** — que não aceita qualquer possibilidade de certeza religiosa e rejeita a validade de qualquer prova ou confutação da existência de Deus.

O **ateísta** — que não crê na existência de qualquer tipo de divindade.

O **ambíguo** — que na maioria das vezes, demonstra incerteza quanto às crenças promulgadas, semeando, assim, dúvidas no coração dos crentes.

Seja qual fôr a definição, as pessoas que ensinam doutrinas falsas e procuram destruir a fé dos crentes sinceros devem ser evitadas. As pretendidas vítimas devem esforçar-se em obter informação e orientação corretas através de diligente estudo e oração.

Disse o sábio Salomão: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias..." (Eclesiastes 12:1)

Hoje em dia, muitas vozes desafiam os padrões de conduta revelados por Deus através de seus profetas. Tais falsas doutrinas estão transtornando a fé da juventude e pervertendo seus valores morais e práticas éticas, tão importantes para uma vida profícua, alegre e feliz.

A real existência de Deus e de seu Filho, Jesus Cristo, pode ser irrefutavelmente estabelecida pelas Escrituras e pelo testemunho ocular de homens de caráter irrepreensível.

Disse Paulo:

... **Por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda a palavra.** (II Cor. 13:1)

Jesus, falando aos apóstolos, afirmou:

... **porque nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se.**

O que vos digo em trevas dissei-o em luz; e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados. (Mateus 10:26, 27)

Isto concorda perfeitamente com o declarado por Amós:

Certamente o Senhor Jeová não fará cousa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas. (Amós 3:7)

Ouçam as testemunhas que predisseram a vinda de Cristo, sua vida e missão em ambos os hemisférios, e suas subseqüentes aparições aos discípulos dos dois continentes, após a ressurreição. Atentem para o testemunho delas e mantenham a fé inabalável e forte.

O Profeta Isaías testificou: "Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho." (Isaías 7:14) Mais

tarde, disse que Jesus nasceria do “tronco de Jessé” (Isaías 11:1)

Miquéias profetizou:

E tu, Belém Efrata, . . . de ti me sairá o que será o Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. (Miquéias 5:2)

O nascimento de Cristo ocorreu conforme fôra profetizado e segundo o registrado em Mateus 1:18-21 e Lucas 1:26-42.

Falando de Jesus, disse Isaías:

E repousará sobre ele o espírito do Senhor . . . E de-leitar-se-á no temor do Senhor: e não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos;

Mas julgará com justiça os pobres, e repreenderá com eqüidade os mansos da terra. . .

E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade o cinto dos seus rins. (Isaías 11:2-5)

Ao iniciar-se o ministério do Salvador, Deus, o Pai, em pessoa, prestou testemunho de sua natureza divina, quando declarou dos céus: “Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo.” (Marcos 1:11)

Seu ministério aparentemente não é questionado, nem mesmo pelo mais veemente dos “induzidores de dúvidas”, mas reduziria sua condição à de um grande mestre. Qual o crédito merecido por tais pessoas? Em face dos fatos e da realidade de profetas testificando a natureza real do Salvador, afirmações assim deveriam ser rejeitadas por todos os santos sensatos e fiéis.

As testemunhas mais dignas de fé — os apóstolos por ele escolhidos e com os quais conviveu intimamente — testificam da vida, ministério, morte e ressurreição do Salvador, eventos esses também preditos pelos antigos profetas e aqueles que o viram após sua ressurreição. Todos prestaram testemunho desses acontecimentos verdadeiros.

Para que não fôssem ludibriados, Jesus Cristo, antes da ressurreição, já dizia aos discípulos:

Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos. (Marcos 13:22)

Os quatro Evangelhos revelam-nos que, depois de ressurgir dos mortos, Jesus apareceu a Maria Madalena, a dois de seus discípulos no caminho de Emaús e também aos dez apóstolos congregados num recinto fechado, em Jerusalém; noutras ocasiões, apareceu aos onze; mais tarde, a sete dos apóstolos, junto ao mar de Tiberíades; posteriormente ainda, a 500 irmãos de uma só vez; depois, aos onze no Monte das Oliveiras. Ali, “depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus.” (Marcos 16:19)

Após sua morte na cruz e sua ressurreição, Jesus Cristo apareceu no continente americano. O referido em 3 Néfi mostra que ficou de pé no meio da multidão, convidando as pessoas a se aproximarem e tocarem as marcas dos cravos em suas mãos e pés, e o ferimento do peito. Dentre elas, escolheu doze discípulos, os quais comissionou para que pregassem ao povo e estabelecessem o seu reino entre eles. Esses homens fizeram como lhes foi mandado pelo Senhor e prestaram um inatacável testemunho da sua existência e divindade.

Nestes últimos dias, em resposta à fervorosa oração, o Salvador e Deus, o Pai, apareceram pessoalmente ao adolescente Joseph Smith, no Bosque Sagrado, localizado no Estado de Nova York. Posteriormente, o Salvador voltou a mostrar-se a Joseph Smith, Oliver Cowdery e Martin Harris.

A 16 de fevereiro de 1832, enquanto Joseph Smith e Sidney Rigdon buscavam piamente uma resposta para questões concernentes aos mortos, “o Senhor tocou os olhos dos nossos entendimentos” e puderam ver a glória do Filho à mão direita de Deus. Após esta gloriosa visão, prestaram o seguinte testemunho:

E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram Dêle, este é o testemunho último de todos, que nós damos Dêle: que Ele vive!

Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai — (D&C 76:22, 23)

Este testemunho ardia dentro da alma de Joseph Smith, mesmo depois do solo de Carthage ter sido embebido e consagrado por seu sangue — o mártir da causa e obra de Deus.

Declarou sàbiamente o Apóstolo Paulo:

Porque onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador.

Porque um testamento tem força onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive?

A evidência é clara, o testemunho conclusivo de que a vida de Cristo foi predita. Ele viveu segundo as predições dos profetas de Deus. Foi crucificado, ressuscitou e apareceu a muitas pessoas.

Para se conseguir a vida eterna, é necessário ter-se conhecimento de Deus e Jesus Cristo, e do plano do Evangelho.

Somos descendentes da Deidade e, portanto, eternos por natureza, como Deus é eterno. Existe outra vida futura após a mortal. E isto sendo verdade, precisamos preparar para esse futuro, se quisermos atingir a felicidade eterna. É imprescindível que cada um de nós siga o rumo certo para alcançar essa meta. O Salvador disse: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (João 14:6)

Deus criou o homem à sua própria imagem e semelhança. Cristo é a imagem expressa da pessoa do seu Pai. Nossos primeiros pais mortais, Adão e Eva, foram criados assim. Igual produz igual. Assim foi desde o princípio. Um cavalo sempre foi cavalo, e assim será a sua prole. O mesmo pode ser dito de toda a vida animal e outras formas de coisas viventes. Não nos fará sentir mais nobres e importantes saber e ter a certeza de que fomos criados à imagem de nosso Criador, Pai e Deus?

O Apóstolo João escreveu: "Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior." (1 João 5:9) Como poderá o homem imaginar, em seu coração, ser mais instruído e sábio do que seu Criador?

Quando os homens questionam os ensinamentos, propósitos e julgamentos de nosso Pai Celestial, estão assumindo uma posição pela qual serão responsabiliza-

dos no dia do julgamento, e essa posição errônea provocará sua condenação.

Não podemos ser felizes, a menos que sigamos o plano de vida do Evangelho durante todos os dias da nossa existência mortal. Quão importante é agarrarmos à barra de ferro da visão de Léhi! As pessoas podem discordar acerca da doutrina, mas não negar o testemunho do Espírito.

Sim, desde os primórdios, Deus tem levantado profetas por intermédio dos quais revela sua intenção e vontade a seus filhos.

Possam estas verdades e testemunhos serem firmemente implantados na mente de todos os membros da Igreja. Seu próprio testemunho será fortalecido pelo conhecimento de que "êle vive!"

Aonde Mandares Irei

Albert L. Zobell, Jr.

Editor de Pesquisa



O vigoroso jovem Melvin J. Ballard acabara de formar-se na Academia Brigham Young, em sua cidade natal de Logan, Utah. Mas sua sede de saber ainda não estava satisfeita, decidindo por isso ingressar na Universidade de Harvard, em Massachusetts. Como isto estava temporariamente além de suas posses, resolveu então lecionar durante dois anos. No segundo ano de professorado, fazia parte de sua classe

uma encatadora moça que, de aluna, passou a ser sua noiva; juntos, planejaram seu ingresso em Harvard.

Duas semanas antes do término do ano escolar, recebeu um chamado do Presidente Wilford Woodruff, para acompanhar o Presidente B. H. Roberts e o Élder George D. Pyper (mais tarde, superintendente geral das Escolas Dominicais) que iriam iniciar o trabalho missionário nas grandes cidades dos Estados Unidos. Embora

fôsse um duro golpe em seus planos pessoais, a questão mereceu pouco debate e antes de a noite cair, a resposta, aceitando a designação, estava a caminho. O Élder Ballard casou-se com sua ex-aluna Martha A. Jones, a 17 de junho de 1896; já no dia 6 de julho, foi designado missionário e, levando o dinheiro economizado para custear um ano de estudo universitário, partiu deixando a noiva em casa.

No campo missionário, o Presidente Roberts pregava, o Élder Pyper cantava e o Élder Ballard, de 23 anos, orava, pregava e cantava. Pouco tempo depois, os élderes Roberts e Pyper foram desobrigados, sendo o mais jovem designado como missionário itinerante. Passou a noite chorando, sendo tentado pelo demônio a desistir e voltar para casa. Mas recorreu ao Senhor, pedindo ajuda e orientação e, já antes do amanhecer, conseguiu dominar seu próprio espírito e escreveu uma carta, aceitando a incumbência. Foi então que encontrou o poema que se tornou o guia da sua vida, e da vida de incontáveis missionários depois dele. Os versos, de autoria de Mary Brown, faziam parte de um pequeno livro, intitulado **Make His Praise Glorious** (Torne Glorioso seu Louvor):

"Talvez não seja ao alto mar
Que Cristo me vá mandar
Talvez não haja conflitos lá,
Nem trevas eu vá encontrar.

Mas quando o Cristo me chamar
A sendas que não trilhei,
Eu proclamarei, com amor: 'Ó Senhor
Aonde mandareis irei.

Aonde mandares irei, Senhor,
Através de montanhas ou mar;
O que ordenares farei, ó Senhor,
Aonde mandares irei

Talvez, da dúvida e do mal,
Eu venha a resgatar,
Amados filhos do Bom Pastor,
Que esperam o meu chamar.

Porém, se o Cristo me guiar
Na própria senda do mal,
Mensagem de amor cantarei: 'Ó senhor,
O que me mandares farei."

Pareceu-lhe uma mensagem do céu destinada a ele, e quanta alegria não trouxe à sua vida o tentar pôr em prática aqueles pensamentos. Completou sua missão, voltando ao lar em dezembro de 1898.

Nada sabemos sobre Mary Brown, a autora. Anos mais tarde, o Élder Ballard descobriu que fôra musicado, passando a cantá-lo em conferências de estaca e reuniões especiais por toda a Igreja.

A melodia foi composta por Carry E. Rounsefell, de Boston, que se dedicava à obra evangélica, acompanhando-

do-se numa cítara. Certo dia, um velho amigo deu-lhe o poema "Aonde mandares irei, Senhor" e, no mesmo instante, ela tocou a melodia no seu instrumento. Posteriormente, outro amigo a transpôs em notas, sendo publicada em forma um pouco diversa.

Élder Ballard tornou-se homem de negócios e líder comunitário, em Logan; sempre encontrava tempo para trabalhar pela Igreja. No inverno de 1902-1903, aceitou uma missão de curto prazo, para ajudar na organização de um ramo com os santos espalhados pela bacia do Boise, Estado de Idaho. Depois, aos trinta e seis anos, em abril de 1909, foi chamado como presidente da Missão Noroeste dos Estados Unidos. Aceitar implicaria em prejuízos financeiros, e alguns de seus sócios acharam que seria tolice. Replicou-lhes que, mesmo que lhe fôsse pedido dez vezes mais, ainda assim não seria sacrifício pois devia mais ao Senhor do que jamais poderia pagar. Sua missão terminou ao ser ordenado apóstolo e ocupar seu lugar no Conselho dos Doze, em 1919.

Falando na conferência geral de outubro de 1934, disse:

"Mais tarde, voltei a Harvard, mas com trinta e cinco anos de atraso. Fui empossar um presidente de missão e era época de férias. Postado no limiar daquela grande instituição de ensino, vi-me como poderia ter chegado trinta e cinco anos antes, com as esperanças, com os sucessos que poderiam ter acontecido; e, a despeito de apreciar títulos e diplomas, não estava desapontado. Por outro lado, vi o que me havia acontecido: Onze anos como conselheiro de bispo e sumo conselheiro; catorze anos como missionário da Igreja; quinze anos como membro do Conselho dos Doze — quarenta anos de vida gloriosa! A alegria resultante, as honras e favores do Todo-poderoso, eu não os trocava por todos os títulos e diplomas que Harvard pudesse oferecer-me, por mais que os admire, se, em troca, tivesse que sacrificar as alegrias e a felicidade a mim proporcionadas por ser obediente.

"Eis a lição que aprendi: Se faço o que o Senhor quer que eu faça, viverei para cumprir minha vida na maneira mais plena e gloriosa. Nem sempre consigo ver o que ele quer que eu faça, mas, freqüentemente, ele inspira os que chamou e designou para dirigir meus labores, de modo que, se eu fôr obediente e atendê-lo, encontrar-me-ei preparado no fim." (**Conference Report**, outubro de 1934, p. 117)

Élder Ballard faleceu a 30 de julho de 1939, em Salt Lake City. O hino que descobriu e introduziu na Igreja resume perfeitamente seu ministério. Diz a estrofe final:

"Talvez floresça em minhas mãos,
A messe do Salvador,
Pois com vigor quero trabalhar,
Por Cristo, meu Redentor.
'Confio em ti sem vacilar
E sempre te amarei;
A tua vontade farei, ó Senhor!
Aonde mandares irei."

Depois de Dez Anos

Um Tributo aos Missionários

Betty McMillan

Neste mês de setembro, faz dez anos que Flem, meu marido, e eu somos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Há dez anos fomos batizados pelos missionários.

Sob certos aspectos, esses anos não foram fáceis; porém, no mais, foram tempos maravilhosos.

Na primeira vez que ouvimos falar dos missionários, vivíamos numa cidadezinha sonolenta ao sul de Houston, no Texas. Era comum ouvirem-se risotas sobre aquelas duplas de jovens que usavam chapéus e percorriam a cidade em bicicletas, as abas dos paletós esvoaçantes.

Então, num dia atarefado de princípios de maio, dois moços bateram à porta. Ainda me surpreende de eu ter-me dado ao trabalho de perguntar-lhes sobre o que queriam — e mais ainda, de tê-los convidado a entrar. Um deles passou a distrair meu filho, que carregou para a sala todos os brinquedos possíveis e imagináveis, empilhando-os no colo do missionário. Enquanto isso, o outro começou a falar sobre os mórmons, um povo que eu conhecia apenas pelos livros de História.

Naquela época, meu marido e eu freqüentávamos a igreja regularmente, mas cuidávamos que nossos filhos (então com 12, 10, 8 e 2 anos) fôssem à Escola Dominical, primeiro numa depois noutra igreja.

Betty McMillan, experiente jornalista, é membro do Ramo de Orange, Texas. Tem servido em numerosos cargos na Igreja e é mãe de quatro filhos.

Estranhamente, vi-me concordando com que os dois jovens voltassem na semana seguinte para conversar com meu marido. Honestamente, não acreditava que êle lhes desse ouvidos, como eu própria também não estava interessada.

No dia marcado, os dois nos procuraram e, para meu pasmo, meu marido os convidou a entrar. Aquêlo momento deu início à nossa familiaridade com os missionários mórmons. Foram aqueles dois que lançaram as primeiras boas sementes acerca da Igreja em nosso coração. Depois, com o passar do tempo, vi-me no papel de espectadora, observando meu espôso. Fôra um fumante inveterado, agora não fumava mais. Sempre gostara de uma cerveja, agora deixara de beber. O café da manhã sempre lhe dera grande prazer, súbitamente desistiu dêle. Leu o Livro de Mórmon de capa a capa, tornado-se mórmon de coração. Eu não.

Por essa época, um dos missionários foi transferido. Um môço alto, cabelos escuros e óculos de aro preto tomou o seu lugar. Certo dia, nosso nôvo amigo perguntou — brincando, julguei então: "A senhora irá permitir que uma xícara de café a impeça de entrar no reino de Deus?" Eu apenas ri, mas, uma semana mais tarde, mais ou menos, comecei a refletir seriamente sobre o que dissera.

Foi aquêlo jovem e seu companheiro seguinte que nos batizaram, em setembro de 1960.

Acolheram-nos em seus corações e de certo modo nos ensinaram, primeiro a engatinhar, depois a ficar de

pé, e depois a andar, segurando-nos pela mão — a princípio com passos hesitantes, a seguir com mais confiança, pela trilha que conduz à meta final almejada por todos os espíritos habitantes da terra.

Respondiam a nossas dúvidas mudas, ansiosas; dirimiam as sérias, expressas. Muitas e longas noites ficávamos a debater questões de doutrina e, de alguma forma, sempre encontravam as respostas certas. Ajudaram a desvendar aos nossos olhos o mundo glorioso e maravilhoso que sempre estivera ali, mas que jamais conseguiríamos vislumbrar.

Então, lentamente, a maré começou a mudar. Descobrimos que os missionários necessitavam tanto de nós quanto nós deles — iniciando-se, então, a longa, maravilhosa convivência com grande número desses moços extraordinários. Nosso lar tornou-se um refúgio para êles, um lugar onde descansar, tomar um refresco geladinho, para depois continuar a faina.

Temos sido ajudados por missionários nos períodos difíceis da vida; ensinaram-nos não só que, como membros da Igreja, somos um povo religioso, mas também criaturas que apreciam uma diversão salutar.

Sem a contribuição dos inúmeros jovens élderes que viemos a conhecer e amar desde o dia em que recebemos os primeiros dois, há dez anos, nossa vida continuaria árida e desprovida de sentido. Eles têm sido uma fonte de alegria, felicidade e muita sabedoria e conhecimento ignorados — e qualquer comunidade, estado ou nação que pode contar com ao menos dois deles, é abençoada e afortunada.

MEU ENCONTRO COM O MORMONISMO

Robert L. Cannon

A té 1.º de agosto de 1968, considerei o "mormonismo" como excentricidade. Era por mim encarado como prática religiosa de uns poucos anglo-saxões, camponeses extravagantes que há muitos anos vinham enganando a si próprios de que Sião era sinônimo do soberano Estado de Utah. Eu via a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como simplesmente mais uma dentre as muitas seitas e denominações religiosas. Tinha o Livro de Mórmon na conta de um gigantesco lôgro, plágio inteligente ou pura ficção de um desvairado colono de Nova York. Comparava minha ignorância da doutrina mórmon aos conhecimentos da minha própria igreja, concluindo, arrogantemente, que era tudo a mesma coisa, afinal.

Não imaginava sequer que, no decorrer dos anos, estava sendo impedido inexoravelmente para a verdade. Realmente, não conseguia perceber que me estava aproximando do que hoje denominam um "confronto".

Em 1962, dois missionários mórmons despenderam muito esforço comigo. Minha reação às suas tentativas de explicar-me o Evangelho que tanto amavam teria provocado calafrios num "iceberg". Não me mostrei hostil; na verdade, a hostilidade teria sido menos impiedosa do que a tergiversação intelectual à qual submeti aqueles dois moços dedicados. Não obstante, mantiveram-se firmes, e após duas semanas, consideramos a "partida" empatada. Nos

quatro anos seguintes, não vi mais nenhum missionário.

Esses anos, contudo, não foram perdidos. Continuei trabalhando na minha igreja, cada vez mais insatisfeito, e todo o tempo topando com mais perguntas sem respostas: O que ou quem é a Trindade? Por que se diz que o homem nasce pecador? Qual o sentido da morte? Onde se fundamenta o princípio da autoridade — na igreja? no homem? no credo apostólico? Por que a igreja vive sempre procurando arrancar mais dinheiro para pagar o clero? Estas são apenas umas poucas das perguntas que, aparentemente, nenhum livro ou indivíduo conseguia responder.

Fiz uma breve incursão pelos benditos santuários de outra igreja. Cheguei mesmo a matricular-me num de seus seminários. Mas as respostas encontradas para minhas perguntas eram tão truncadas como as de sempre, desta vez envolvidas numa venerável crosta de pompa e tradição. Ainda em retrospecto, a persistência de tais dúvidas era uma evidência que se podia verificar, sem necessidade de maior exame, de que as sementes da verdade, lançadas pelos missionários, continuavam vivas dentro de mim.

O momento crítico surgiu após minha decisão de abandonar o mundo da babel eclesiástica. Passei a dedicar-me a uma profissão secular e secretamente jurei nunca mais aproximar-me das formidáveis muralhas da igreja.

Então, em certa tarde luminosa, um médico amigo da família, que era mórmon, convidou-me a comparecer a uma conferência patrocinada pela Universidade de Brigham Young. Informou-me que um professor daquela instituição de ensino seria o orador, deixando lisongeiramente implícito que ótimo não seria se a opinião de nós dois, o orador e eu, entrasse num acôrdo. Fui à conferência e fiquei escutando. Enquanto o orador falava, meu problema quanto à Trindade, imediata e um tanto inexplicavelmente, começou a desfazer-se diante de meus olhos. E naquele dia, no amplo recinto ocupado por mórmons devotos, fui apresentado ao nosso Pai Celestial. Descobri ser êle real, pessoal, afetuoso, e realmente capaz de expressar qualidades tais como ira e amor, alegria e pesar. Saí da conferência agradavelmente aturdido, porém plenamente cômico de que tivera um reencontro espiritual. Ao chegar a casa, já me dera conta de que a verdade fôra a vencedora. Senti-me impelido, sem mais demora, a ler as obras-padrão da Igreja. Dentro de uma semana, estava novamente conversando com dois missionários; foram longos e profundos debates. Durante todo o tempo, sentia-me tomado por uma sensação tôda especial de segurança e esperança quanto ao futuro. No fim de mais uma semana, fui batizado e confirmado.

Levei muitos anos para descobrir e aceitar dois pontos evidentes sobre Deus e o homem. Primeiro, que o Evangelho não necessita ser defendido, justificado ou adornado. Portanto, é inútil quererenfeitá-lo ou santificá-lo com antigos ritos e costumes cujas origens se perderam nas brumas do tempo. O Evangelho resiste por si próprio e assim aconteceu desde que foi proclamado pela primeira vez. E o segundo, que a reação do homem frente ao Evangelho cabe inteiramente a êle só. Nossa responsabilidade quanto ao Evangelho deve ser total e absoluta.

Robert L. Cannon, professor da Escola Dominical e supervisor do quorum dos sacerdotes na Ala de Eastmont (Califórnia), era ministro protestante antes de se filiar à Igreja.

CATACLISMOS NO PERU

Relato de Dois Missionários

No domingo, 31 de maio de 1970, um grave terremoto atingiu grande parte do Peru. Os maiores danos ocorreram cerca de trezentos quilômetros ao norte de Lima, a uns oitenta quilômetros da costa, nos altiplanos da cordilheira andina. Segue-se um relato dos élderes Kent Toone, de Bountiful, Utah, e Ladd Wilkins, de Roosevelt, Utah, então trabalhando na cidade de Huaraz, que foi destruída em 90%.

"Até cerca de 15h25m, o dia 31 de maio transcorreu como qualquer outro dia de domingo — um dia lindo, quente, cheio de paz, em Huaraz, Peru, nos altos dos Andes. Estávamos justamente dando uma aula sobre a Igreja a certo homem, quando, às 15h25m, a terra debaixo de nossos pés começou a tremer. A princípio, não demos muita atenção, pois que leves tremores de terra são bastante frequentes no Peru. Mas, como continuava e tornou-se mais forte, saímos para a rua onde estávamos mais a salvo de sermos atingidos por escombros. Os tremores prosseguiram e até edifícios inteiros desabavam. Quando cessaram os estrondos, nossos corações começaram a se acalmar um pouco mais.

"Pusemo-nos a andar pela cidade, a fim de verificar o que acontecera aos membros da Igreja. Ao deixarmos a rua em que estivéramos, com-

preendemos que fôra um dos melhores lugares em toda a cidade durante o terremoto. Era uma rua larga, ladeada por edifícios bastante sólidos, enquanto quase todas as ruas são extremamente estreitas, com casas quase todas feitas de adobe. Em vista disso, praticamente todos os edifícios da cidade ruíram, sepultando as ruas e todos os que ali estavam.

"Durante nossa busca dos membros da Igreja, encontramos muita gente seriamente ferida e soterrada, ainda com vida; ajudamos da melhor maneira que nos foi possível. Felizmente, encontramos todos os cinquenta membros a salvo, sendo que apenas uns poucos estavam feridos. Foi realmente um milagre, pois cedo descobrimos que restavam poucas famílias que não haviam perdido alguém. Uma das últimas estimativas do número de mortos em Huaraz acusou 20.000, ou seja, duas pessoas em cada cinco.

À noite, voltamos para nossa casa, na esperança de poder salvar alguma coisa de nossos pertences pessoais. Para surpresa nossa, a casa ainda estava de pé. Embora fôsse perigoso lá estar, entramos rapidamente por uma janela para recolher o máximo possível das nossas coisas. Temíamos que a casa pudesse ruir em cima de nós, ou pior ainda, fôsse-mos surpreendidos por outro tremor,

uma vez que os terremotos usualmente são seguidos por outros, ainda que menores. Mas tudo correu bem.

"Então, já estava escuro, e como sabíamos que não conseguiríamos dormir, oferecemos nossos préstimos ao hospital que também ainda estava de pé. Este apresentava uma visão que nunca poderemos esquecer. Carga após carga de feridos eram trazidos — alguns sem as orelhas e narizes, muitos com a metade do rosto arrancado, outros com os ossos esmigalhados — de modo geral, ferimentos e danos de todos os tipos. Os corredores e salas do hospital estavam atulhados de gente, havendo somente dois ou três médicos disponíveis na cidade inteira para cuidar de todos eles. Não havia água nem remédios. Não obstante nossa total inexperiência, nossa ajuda foi bem recebida, e ficamos trabalhando no hospital a noite inteira.

"O dia seguinte — segunda-feira, 1.º de junho — foi quase tão mau como o anterior. Centenas de mortos eram retirados dos escombros, enquanto muitos outros eram recuperados ainda com vida. Desenterramos um garotinho que ainda vivia, após ter ficado oito horas soterrado na mesma posição, sem alimento, luz e pouquíssimo ar. Muitas pessoas ficaram soterradas nos teatros

e outros locais de reunião. É difícil imaginar que a natureza pudesse causar tudo aquilo em somente 2 minutos e 20 segundos. A cidade inteira chorava e se lamentava, pois quase tudo havia sido destruído.

"Devido aos muitos mortos não sepultos, às precárias condições sanitárias, e à falta de água potável, temia-se uma epidemia de febre tifóide. Por isso, no dia seguinte, a despeito de nossa completa in experiência, nós também instalamos uma mesa e passamos a aplicar vacinas contra tifo. Nos dias que se seguiram, ajudamos a desenterrar os pertences de alguns amigos, inclusive de duas moças do Corpo de Paz.

"Oito dias depois do terremoto, conseguimos chegar a Lima, após uma viagem de 40 horas. Naquela altura, já havia suficientes auxiliares no hospital, bem como suprimentos e alimentação que haviam sido transportados por helicóptero. Não mais éramos necessários, e pensar em roupas limpas e um banho de chuveiro morno foi certamente motivador."

O Elder Gordon B. Hinkley, do Conselho dos Doze, que deixara Lima cinco minutos antes do início do terremoto, retornou para lá no dia seguinte. Comunicou que, dos aproximadamente 1000 membros da Igreja residentes nas áreas mais atingidas, três estavam desaparecidos, presumivelmente mortos. "Perder apenas três membros num total de 50.000 vítimas é extraordinário. Fomos muito abençoados," disse êle. Imediatamente após o recebimento das notícias do desastre, diversas toneladas de roupas, mantimentos, e suprimentos médicos foram despachados pela Igreja, a fim de serem distribuídos entre os membros e não-membros na Missão do Peru e Estaca de Lima.

Quanto à conduta dos missionários durante a tragédia, disseram alguns moradores da cidade que "os gringos" (referindo-se aos missionários norte-americanos) foram os únicos homens na cidade. Enquanto todos os demais procuravam fugir dela correndo, pensando só em si, os gringos iam em sentido oposto — ajudando a todos que podiam."

GENEALOGIA

Um Novo Aspecto para Genealogistas Estacionados

Lawrence W. Rand

Helen Keller, a notável autora e conferencista americana, que aos 19 meses de idade, ficou privada da visão e da audição em consequência de encefalite, disse, certa vez: "Não há rei que não conte um escravo entre seus antepassados, e nem escravo que não tenha um rei entre os seus." Ao ascendermos por uma árvore genealógica, podem-se descobrir fatos não menos extraordinários. Encontram-se ramos perdidos, freqüentemente nascem encantadoras amizades e, invariavelmente, acaba-se viajando um bocado. Tais delícias precisam ser salientadas, pois, de um modo geral, o estudo da genealogia evoca ape-

nas um quadro de trabalho, trabalho, e mais trabalho.

Tôda gente, muitas vezes, faz uma imagem estereotipada do genealogista. Em primeiro lugar, parecem achar que os genealogistas têm que ser quase tão velhos quanto os antepassados que procuram. Segundo, colocam tais pesquisadores fictícios nos recônditos mais sombrios de bibliotecas, ou então, esgueirando-se furtivamente entre os túmulos de um cemitério. Protesto! Não somos secretas reincarnações de certos personagens de uma peça de suspense de um Edgard Allan Poe. Nem tampouco necessariamente idosos. Nossa maior falta é que tendemos a alar-



dear um pouco nossas façanhas, como que dizendo: "Por que vocês não fazem o mesmo?"

Pois bem, por que não? Vocês sabem o que dizem as Escrituras. Conhecem a lógica na qual se ampara a doutrina da exaltação. Em tôdas as alas e estacas, vemos providências para a genealogia. Posso adiantar umas poucas sugestões de como renovar o interesse pelo assunto.

Primeiro, façam seu trabalho aos poucos. Se o gráfico de linhagem os deixa desconcertados, atenham-se a compilar os registros de grupo familiar para os parentes no local em que residem. Não se preocupem com o Bisavô Silva — certifiquem-se de que conseguiram **tôdas** as informações que puderam do Pai Silva, antes de êle falecer. Preocupem-se primeiro com tôdas as centenas de detalhes ao seu alcance; só isto já poderá levar um ano ou dois! À medida que crescer sua experiência e o álbum, vocês estarão automaticamente preparados para a tarefa mais difícil.

Os interesses pessoais geralmente se restringem a uma ou duas amplas áreas. Certo indivíduo, digamos, é do tipo científico. Esta pessoa geralmente é boa na matemática, gosta de fazer pequenos consertos pela casa, e quase sempre escreve excepcionalmente bem em letra de fôrma. Para êsse tipo de indivíduos, o caminho lógico para a genealogia é o método estatístico.

Outros já se interessam mais pela beletrística. Essas pessoas têm jeito para escrever cartas, fazem discursinhos interessantes, são bons conversadores e lêem livros aos montes. Êstes devem tentar o método biográfico. Obviamente, isto é uma supersimplificação. Contudo, um levantamento de suas inclinações ajudá-los-á a atingir seu objetivo mais facilmente.

Para os inclinados ao método estatístico, o registro de grupo familiar e o gráfico de linhagem são os mais indicados. O malabarismo de datas, parentescos intrincados e precisão exigida aguçarão seu apetite. Uma vez iniciado o trabalho, os temos tais como "primo em quinto

grau", "cidade-município-estado", e "nome-de-solteira-completo" logo se tornarão coisa fácil. O único obstáculo à sua frente é começar.

O método biográfico não está sendo suficientemente acentuado em nossas estacas. Encontro uma porção de talentos genealógicos sufocados pela urgência com que alguns de nós procuram compilar seu livro de recordações. Procure aquelas velhas fotografias espalhadas pela casa. Desencave aquela poesia que você alinhavou nos tempos de escola, e a dissertação escrita na faculdade. Você ainda guarda o diário redigido fielmente durante longos três meses? Apanhe aquelas cartas antigas e espalhe seu rico conteúdo diante de você. Depois, municiado com tôdas as referências, comece a escrever. Antes de se dar conta, você terá um esboço biográfico, um "arquivo de recordações", um poema de elogios, ou mesmo uma autobiografia. O único obstáculo à sua frente é começar.

Existe um aspecto da genealogia raramente mencionado. Ela pode ser **divertida!** Qual a família que não tem uma anedota predileta, um caso engraçado, ou acontecimento inesquecível? Nos poucos anos desde que me converti, desencavei dúzias de incidentes interessantes.

Os nomes por si só podem fazer rir. Topei com toda a espécie dêles, desde Sám Rând até Cornelia Gertrude van der Sluis.

A sabatina de informações a que submeti meus parentes, expôs enorme variedade de capacidades mentais. Você ficaria admirado de quantas espôsas não sabem o segundo nome do marido, maridos que não se lembram da data em que casaram, ou como o caso do meu avô materno, que não conseguia lembrar a ordem de idade dos próprios irmãos e irmãs! Mas, em contraposição, existem as "enciclopédias ambulantes", de cujo covil você surge completamente exausto! Outro caso curioso são as crianças que lembram datas e lugares melhor do que seus pais.

Quando tiver preenchido um punhado de folhas de grupo familiar, pare e volte a examiná-las. Alguns

fatos poderão ser bastante divertidos. A que eu reservo para ocasiões especiais refere-se ao meu tetravô em sétimo grau, Isaac Sheldon. Criou uma família enorme, repintando o berço regularmente a cada dois anos. Mas, depois dos primeiros doze, houve uma pausa de seis anos. E exatamente quando decidiram descartar-se do berço de uma vez por tôdas, apareceu o décimo terceiro. Sabem qual o nome que lhe deram? Mercy! (Agradecida. N. do T.)

Essas histórias foram tiradas de verdadeiros registros de grupo familiar. Os episódios da parte biográfica do seu livro de recordações serão jóias que você mais apreciará e recordará melhor.

Não deixa de ser verdade que tais vislumbres íntimos de seus antepassados exigem um pouco de suor e sangue. Ao interrogar parentes, irá descobrir coisas esquisitas e cômicas. Até escrever sua biografia, nunca havia de imaginar que minha santa avózinha, certa vez surrupiou frutas da árvore do vizinho! E como foi que minha família veio para o Oeste? Não existe nenhum registro histórico de jornada através dos ermos, nem carrinhos de mão ou "Vinde ó santos", na minha família. Meu pai veio para cá em 1928, por estrada de ferro. E alguma vez você já perguntou a seus pais e avós onde se conheceram? A resposta poderá surpreendê-lo.

Quando tudo o mais falhar, ainda restará você. Já anotou tôdas as vitórias espirituais de sua vida, para que possam servir de inspiração a outros? Descreva com emoção os apogeus da sua vida, seus sonhos, os momentos mais embaraçosos, as lições que o mundo lhe ensinou. Inclua algumas idéias extravagantes ou veleidades, para divertimento dos bisnetos. Torne-se um escravo do hábito de escrever diariamente. Nem sempre precisa ser genealogia — uma carta, copiar uma boa receita, compor uma melodia ou poesia — mas que seja cotidiano. Exatamente como o porquinho-cofre expele uma boa soma ao fim de poucos meses, assim também o esforço consistente um dia resultará num livro de recordações digno de sua futura exaltação e de seus entes queridos.

Oferecer um Sacrifício Aceitável ao Senhor

Owen Cannon Bennion

Outro dia, ouvi uma jovem oradora falar sobre os sacrifícios oferecidos ao Senhor. Discutiu o significado do sacrifício e parecia interessada apenas no aspecto da exigência de nos privarmos de algo material. Esta, naturalmente, é parte importante do Evangelho; mas, ao ouvi-la, fiquei imaginando se os membros da Igreja freqüentemente se lembram, ou se dão conta do sacrifício espiritual que Jesus mandou que lhe ofertássemos. Para melhor entendimento, precisamos voltar ao princípio.

Após a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, Deus mandou que lhe oferecessem as primícias do rebanho como sacrifício ao Senhor. “E, após muitos dias, um anjo do Senhor apareceu a Adão, dizendo: Por que ofereces sacrifícios ao Senhor? E Adão respondeu: Não sei, exceto que o Senhor me mandou.

“Então o anjo falou, dizendo: Isto é à semelhança do sacrifício do Unigênito do Pai, que é cheio de graça e verdade.” (Moisés 5:6-7)

Owen Cannon Bennion, superintendente da AMM-Rapazes na 22.^a Ala de Orem (Utah), é instrutor do programa educacional para laimanitas da Universidade de Brigham Young.

Assim começou a antiga prática de ofertar sacrifícios de derramamento de sangue e ofertas queimadas, que persistiu desde os tempos de Adão através da história de Israel, até a vinda do Messias. Destinava-se a retratar o supremo sacrifício de Deus, entregando seu Filho, por causa do seu amor pela humanidade.

A história de Caim e Abel demonstra a importância de realizar ofertas aceitáveis. “E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor.

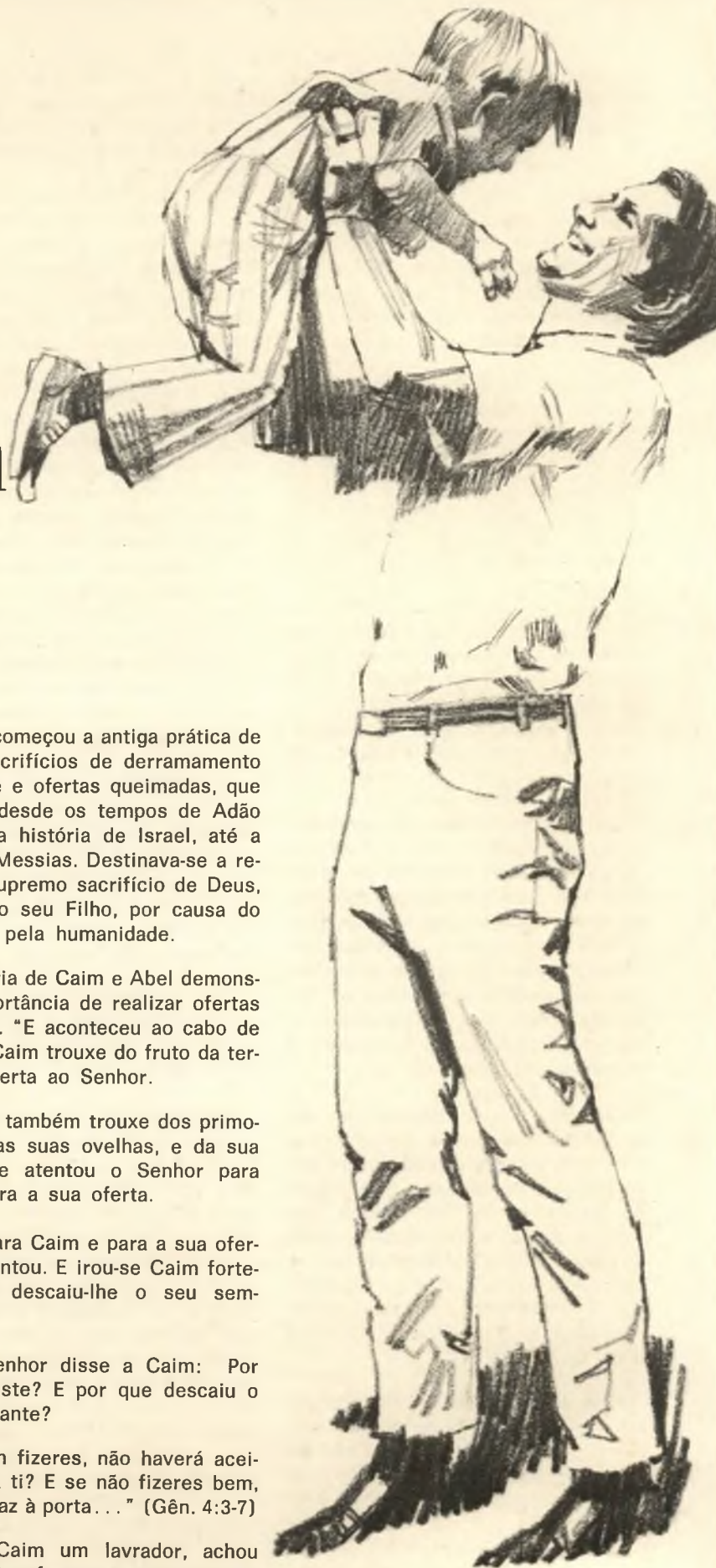
“E Abel também trouxe dos primogênitos das suas ovelhas, e da sua gordura: e atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta.

“Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o seu semblante.

“E o Senhor disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?

“Se bem fizeres, não haverá aceitação para ti? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta...” (Gên. 4:3-7)

Sendo Caim um lavrador, achou conveniente oferecer o que possuía,



em lugar do que o Senhor mandara. Esse relato revela a importância que Deus dá à oferta de um sacrifício aceitável. Caim deixou de ver que Deus queria um tipo especial de sacrifício. Julgou que o que possuía deveria servir.

A história da provação de Abraão dá a toda a Israel um exemplo de vontade inamovível de ofertar um sacrifício aceitável. Ninguém que não tenha um filho pequeno poderá aquilatar plenamente a angústia de Abraão no momento em que o pequeno Isaac perguntou: "Meu pai!... Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (Gên. 22:7) É preciso não esquecer o horror que Abraão tinha aos sacrifícios humanos, que, em sua época, eram praticados pelos sacerdotes idólatras. Ainda assim, Abraão teve a calma, fé e obediência para responder à criança, seu filho: "Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto..." (Gên. 22:8) Como Deus não deve ansiar que outros mostrem a mesma disposição; como disse o Rei Benjamim: "... como criança... disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que... (nos) deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai." (Mosíah 3:19)

Passando agora para a história de Elias, vemos o poder de Deus manifestando a validade do sacrifício de sangue, quando ele, Elias, invocou o fogo dos céus para consumir a oferta ao único Deus verdadeiro. (Veja I Reis 18:21-39) Este relato tem um significado oculto, que é, em certo sentido, a semelhança de algo que está por vir a Israel e ao que aludiremos mais tarde.

Em toda a história da antiga Israel, vemos os servos de Deus mostrando sua devoção ao Senhor com ofertas de holocaustos. Com a crucificação do Primogênito e Unigênito do Pai, o derramamento de sangue e holocaustos se cumpriram. Enquanto os nefitas se encolhiam nas trevas no continente americano, após a morte de Cristo, ouviram a voz de Alfa e Ômega declarando o cumprimento da lei. Foram instruídos a abandonar o antigo costume de sacrificarem as primícias dos rebanhos. O Filho de Deus fôra oferecido como sacrifício por toda a humanidade. Em substituição àquele, deviam ofertar-lhe em sacrifício "um coração quebrantado e um espírito contrito." (Néfi 9:20) Em nossos dias, o Senhor reiterou esse mandamento, dizendo: "Em retidão oferecerás um sacrifício ao Senhor teu Deus, sim, o de um coração quebrantado e espírito contrito. ... (no) dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo..." (D&C 59:8, 12)

Se dedicarmos a mesma importância a esse mandamento dado aos nefitas e a nós, como os antigos davam aos holocaustos por eles ofertados, muitos de nós precisamos pensar um pouco se estamos oferecendo ao Senhor um sacrifício aceitável. Talvez estejamos, assim como Caim, ofertando uma oblação que nos convém, ou então contrária ao que Deus mandou, em lugar de procurar saber **como** cumprir o exigido por Deus. O que significa ir à casa de oração no dia do Senhor e oferecer oblações e sacramentos ao Altíssimo?

Segundo o Élder Bruce R. McKonkie: "Um **sacramento** é um convênio

espiritual entre Deus e o homem." Diz ainda: "No mais elevado sentido espiritual, a oferta de uma oblação consiste em prestar plena devoção ao Senhor, ofertando-lhe um coração quebrantado e um espírito contrito." (**Mormon Doctrine**/Bookcraft, 1966/, pp. 662, 541-42) Na seção 59 de Doutrina e Convênios, o Senhor nos dá instruções sobre quando e onde devemos oferecer este sacrifício especial. Embora nossas ofertas sejam aceitáveis todos os dias, no dia do Senhor temos o mandamento específico de comparecer à reunião sacramental e oferecer nosso sacrifício. Nessa ocasião, renovamos nossos convênios (oferecendo nossos sacramentos) e ofertamos o sacrifício de um coração quebrantado e um espírito contrito (uma oblação). Se atentarmos para as orações sacramentais e acrescentamos nosso amém, estamos renovando nossos convênios com Deus. E se o fizermos com reverência e intenção sincera, estamos-nos preparando para oferecer um sacrifício. Então, durante a última parte da reunião sacramental, se o orador e nós, os ouvintes, estivermos dotados com o Espírito Santo, seremos edificados no que diz respeito à grandeza e misericórdia de Deus, à esperança em Cristo, e à necessidade de todos nós nos arrependermos das transgressões. Esta abençoada percepção pode provocar um piedoso pesar, um ânimo quebrantado, um sentimento de contrição, uma brandura e humildade de coração.

Se este sentimento é de verdadeiro pesar piedoso, nossa oferta será certamente aceitável diante do Senhor. Será algo diverso que qualquer coisa de valor mundano, como, por

exemplo, dinheiro e as primícias de nossos rebanhos.

Aparentemente, o Senhor conduziu seus filhos por um longo caminho, levando-os gradualmente da oferta de coisas tangíveis, tal como uma ovelha ou novilha, às intangíveis, como uma atitude ou estado de espírito. Estas representam um conceito diferente de sacrifício, atingindo o íntimo do ser humano. Impedem a dádiva enganosa destinada a impressionar terceiros, porque ninguém poderá perceber tal presente ou sacrifício, exceto Deus ou aqueles abençoados com seu dom de discernimento.

Ao considerar a dificuldade de fazer uma oferta assim, ficamos a imaginar como jamais poderemos oferecer um sacrifício aceitável. Pagar o dízimo, dar ofertas de jejum e outras contribuições materiais ao Senhor, ou negar a si próprio um luxo almejado, requerem certo grau de coragem e auto-domínio; não obstante, é bem mais fácil do que ofertar o próprio coração, numa circunstância de aflitivo arrependimento e um espírito contrito em sincera devoção. Como guardar êsse mandamento?

A resposta, típica do caminho do Senhor, é muito simples. Primeiro, é preciso ler as Escrituras, para obter um conhecimento básico acerca de Deus. Tal estudo nos aproxima de Deus e provê a motivação e desejo de guardar seus mandamentos.

Como ilustração, permitam-me recorrer à minha própria experiência na infância. Lembro-me de que, quando comecei a ler as histórias dos profetas de Deus, impressionou-me a

grande fortaleza pessoal de homens como Abraão, José, Moisés e Néfi. Ao ler como eram capazes de falar com Deus e alcançar favor aos olhos d'Ele, parece ter descerrado uma janela em minha alma, que estivera cerrada pelo véu do esquecimento. Meu espírito ansiava por retornar à antiga associação com Deus. Ao insinuarem-se dúvidas em mim quanto ao Evangelho, nos primeiros anos de adolescência, voltei-me para o Livro de Mórmon, orando para que me fosse dado saber se era uma Escritura verdadeira. Ao ler a história de Néfi e seus irmãos, fiquei profundamente impressionado. O Santo Espírito testificou de maneira maravilhosa que o livro era divinamente revelado. Daquele dia em diante, meu desejo de servir a Deus foi fortalecido.

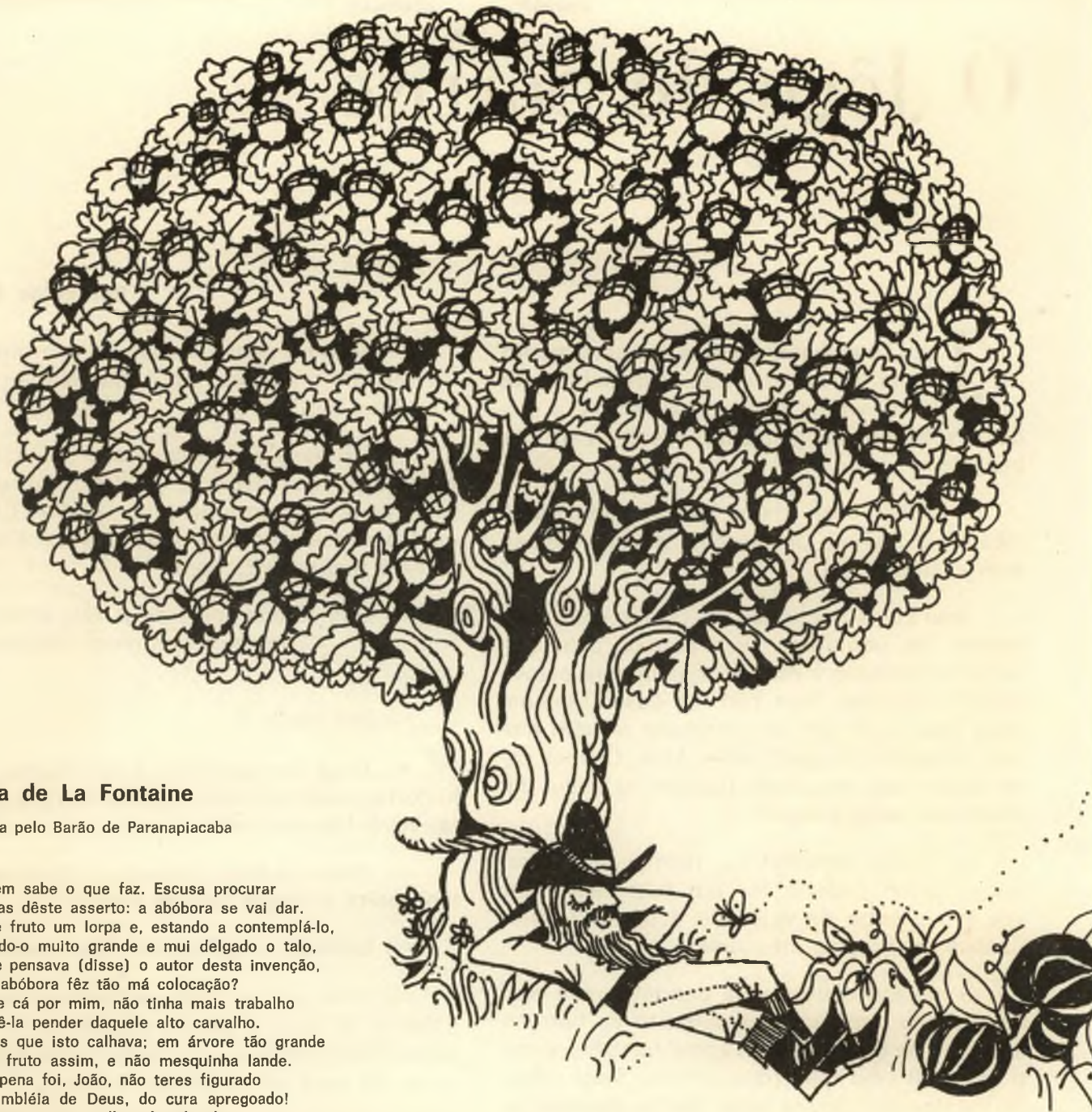
Segundo, é preciso que nos preparemos antes de oferecer o sacrifício de um coração quebrantado e um espírito contrito. Na antiga Israel; escolhia-se a nata dos rebanhos, os cordeiros sem mácula. Era inimaginável sacrificar qualquer coisa impura ou imprópria. Nós, da mesma forma, precisamos apresentar uma oferta imaculada. Embora não possamos esperar ser perfeitos, podemos tornar sinceramente penitentes; mas isto deve ser real, e não um simulacro ou aparência. Pela fé, arrependimento e batismo, é possível obter a remissão dos pecados, através da graça de Cristo. Mas êste processo deve ser algo contínuo em nossa vida. À medida que continuamos a nos arrepender dos pecados e fazemos jus à remissão, chegamos à brandura e humildade de coração. (Veja Morôni 8:24-26) E é nesta condição que estaremos preparados para oferecer nossos sacri-

fícios ao Senhor. Percebemos a misericórdia e o amor de Deus. Nosso coração está quebrantado simultaneamente pelo pesar e alegria — pesar devido aos pecados desprezíveis, e júbilo por nossa salvação resgatada pelo sofrimento e expiação de nosso Senhor. Desta forma, nosso espírito é contrito, penitente, sem mácula.

Para certas pessoas, essa experiência pode ser secreta, uma comunhão muito pessoal com Deus. Outros talvez expressem sua experiência, como acontece nas reuniões de testemunho, compartilhando-a com os que ouvem. Mas, nos dois casos, existe analogia com a história de Elias — o fogo dos céus veio reconhecer a validade da oferta. Jesus prometeu aos nefitas: "E todo aquele que a mim vier com um coração quebrantado e um espírito contrito, eu o batizarei com fogo e com o Espírito Santo." (3 Néfi 9:20)

Quanta força não teríamos, se oferecêssemos êste sacrifício frequentemente no dia do Senhor, na sua casa de oração, como êle mandou!

Não será então lícito afirmar que, na história de Israel, temos um protótipo do que é preciso acontecer na vida de todos nós? Israel dispunha da lei para levá-la a Cristo. Começou com sacrifícios materiais e será finalmente levada a oferecer um sacrifício espiritual. Certamente, há necessidade de sacrifício material em nossas vidas, mas, a não ser que progredamos até o nível de ofertar o mais sublime sacrifício espiritual de um coração quebrantado e um espírito contrito, falharemos em atingir um dos reais propósitos desta vida.



Fábula de La Fontaine

Traduzida pelo Barão de Paranapiacaba

Deus bem sabe o que faz. Escusa procurar
As provas dêste asserto: a abóbora se vai dar.
Viu êste fruto um lorpa e, estando a contemplá-lo,
e achando-o muito grande e mui delgado o talo,
"Em que pensava (disse) o autor desta invenção,
Que da abóbora fêz tão má colocação?
Se fôsse cá por mim, não tinha mais trabalho
Que fazê-la pender daquele alto carvalho.
Por Deus que isto calhava; em árvore tão grande
Assenta fruto assim, e não mesquinha lande.
— Que pena foi, João, não teres figurado
Na assembléa de Deus, do cura apregoadado!
Tudo ficava então melhor distribuído:
O fruto, que ao carvalho eu vejo suspendido,
E ao meu dedo mindinho iguala na grossura
Pousara, em lugar dela, ao rente da planura.
Deus se enganou, de certo. E quanto mais medito
Na má colocação dos frutos, que hei descrito,
Mais me parece nisto equívoco existir".
Com estas reflexões, privado de dormir,
O nosso camponês provava o dito certo:
— "Quem muito engenho tem conserva-se desperto,
"Porque lhe foge o sono". — Entanto, à fresca sombra
Deita-se dum carvalho em mole e verde alfombra.
Magoa-lhe o nariz lande que se despega:
Desperta em confusão; co'as mãos o rosto esfrega:
Na barba o fruto achou. Co'as dores do nariz:
"Olá! Pois não sangrou. Se fôsse mais pesada
A massa que tombou, que tal fôra a pancada
Se uma abóbora fôsse em vez desta frutinha,
Ficara em fresco estado a pobre face minha!
Tal não aprove a Deus! Pois, sábio e onipotente,
Para assim proceder motivo houve excelente".
E graças dando ao céu por tudo quanto fêz,
A casa recolheu-se em paz o camponês!

A Lande e a Abóbora

O Jôgo do Sorriso

Bernadine Beatie

Jean Louis bateu a porta do apartamento com forte estrondo. Imediatamente esta voltou a ser escancarada, e Mademoiselle Chabas golpeou o assolho com sua bengala.

— Volte, Jean Louis! Venha aqui, agora mesmo, e feche a porta como deve! — disse enèrgicamente.

Jean Louis fingiu não ter ouvido e corria o quanto lhe permitiam suas pernas, pelo corredor em direção à rua. Bem sabia que estava sendo malcriado, mas não fêz caso. Também seus pais poderiam ter arranjado alguém menos rabugenta do que a velha Mlle. Chabas para cuidar dêle, enquanto ficavam na praia em visita aos seus amigos!

— Trinta minutos! — resmungava Jean Louis. Como poderia ter um bate-papo com sua avó e estar de volta tão depressa? Mlle. Chabas era mesmo mesquinha!

O menino chutou uma pedrinha pela rua, que acabou parando bem defronte da barraca de flôres na esquina. Jean Louis também parou e comprou uma rosa para a vovó. Seus olhos se iluminaram. Quem sabe vovó o deixaria ficar com ela?! Ela iria entender como se sentia a respeito da Mlle. Chabas, e poderia telefonar, avisando-a. O menino sorriu. Assim não teria que voltar e ouvir uma reprimenda por ter batido a porta.

Mas, na verdade, desta vez vovó não queria entender. Embora sorrisse e lhe desse um forte abraço, quando lhe entregou a rosa, ela sacudiu a cabeça e fungou desaprovadoramente, quando disse que queria ficar com ela e não com Mlle. Chabas.

— Passo a manhã inteira na loja, Jean Louis, — explicou. — Não poderia tomar conta de você.

— Mas eu posso cuidar de mim mesmo! — retrucou o menino, mal-humorado. — É que a senhora não me quer.

— Ora essa Você sabe muito bem que não é verdade, meu querido! — Vovó puxou Jean Louis para junto dela no sofá. — Mlle. Chabas muitas vêzes cuida de seus amigos. Os pais dêles a têm em alta conta.

— Mas eu não gosto dela! veio a resposta amudada. — E nenhum dos meus amigos tampouco.

— Por que?

— Ela é tão rabugenta e má! Nunca conta histórias ou brinca com a gente como a senhora, vovó. Ela nem sabe sorrir!

— Pobre da Mlle. Chabas... Dizer-se que tão bonita e alegre quando môça!

— Bônita?! — gritou Jean Louis, admirado.

— Sim, senhor. Uma das môças mais bonitinhas de tôda a cidade de Reims. — Vovó sorriu mansamente. — Eu tinha inveja dela por causa de seus olhos côr de violeta.

Era difícil para Jean Louis poder acreditar que sua gentil e alegre avó pudesse alguma vez ter tido inveja de Mlle. Chabas. — Mas ela é velha, vovó, e usa uns vestidos pretos tão feios! A senhora não é assim — a senhora é bonita!

— Isto é porque eu tenho você, meu querido, e sua mãe e seu pai. Mlle. Chabas não tem ninguém. Passou a vida tôda cuidando de outros. Primeiro, da irmãzinha aleijada, depois dos pais, quando ficaram idosos, e sempre havia falta de dinheiro.

— Por que os amigos dela não ajudaram? — perguntou o garôto.

— Nós tentamos, mas quase todos éramos muito pobres naquele tempo. — Vovó suspirou. — Talvez não tenhamos tentado bastante. É muito fácil esquecer as dificuldades alheias. Agora, ela está velha e só, e não tem nada ao que se apegar, a não ser cuidar dos filhos dos outros.

Jean Louis engoliu o nó surgido repentinamente na garganta. — Sinto muito ter sido malcriado com ela, vovó, — disse com voz apagada.

Vovó colocou o braço em torno dos ombros do netinho.

— Conheço um jogo maravilhoso para você brincar com ela. Jean Louis deu de ombros. — Ela não vai querer — ela não gosta de brincadeiras.

— Mas ela não vai saber! — retrucou vovó. — Chama-se o "jogo do sorriso" e para ganhar, você precisa fazer Mlle. Chabas sorrir.

O menino não achava que esse tal jogo seria muito divertido, mas como vovó parecia tão satisfeita, acabou concordando.

— Muito bem! — disse vovó. — Mas não esqueça, para conseguir um sorriso, você precisa sorrir primeiro. Se você ganhar, levá-lo-ei ao espetáculo de fantoches lá do parque, no sábado à tarde.

Ilustrado por Charles Quilter





quando lhe levava alguma. Hesitou um longo momento, depois, lembrando-se do que a avó contara sobre os olhos de Mlle. Chabas, comprou um ramalhetzinho de violetas.

Perto de casa, seus passos tornaram-se cada vez mais arrastados. Estivera fora muito mais de meia hora. Mademoiselle iria ficar bastante zangada.

— Então, é você! E ainda por cima atrasado! — gritou Mlle. Chabas, quando Jean Louis entrou.

— Sinto muito estar atrasado, Mademoiselle — disse o menino, com um largo sorriso, e entregou-lhe as violetas.

— Para mim? — admirou-se Mlle. Chabas, de queixo caído.

— É sim. Achei que ficariam bem no seu vestido. — confirmou Jean Louis, fitando esperançoso o rosto dela, mas não houve sorriso algum. Mas, ao menos, pregou as flôres na gola.

Meio ofegante, o menino acrescentou: — Os olhos da senhora são da côr das violetas!

Então, surgiu um leve sorriso nos olhos de Mlle. Chabas, que se espalhou até seus lábios, e fez com que toda a sua face parecesse alegre e jovem.

— A senhora sorriu! — gritou o menino feliz. — A senhora é tão bonita, Mademoiselle!

Havia um olhar perdido nos olhos de Mlle. Chabas. — Faz muito tempo, Jean Louis, que ninguém me fala assim.

— De agora em diante, a senhora vai ouvi-lo muitas vezes! — ria o garôto. Pois vou-lhe ensinar um jôgo.

— Não sou muito boa em jogos. — foi a resposta duvidosa.

— Mas êste a senhora pode aprender — qualquer pessoa pode! Chama-se “jôgo do sorriso”.

Jean Louis deu-lhe um largo sorriso e não ficou nem um pouquinho surpreso, quando ela também sorriu.

— Não vai ser fácil, — observou Jean Louis.

— Garanto que há de encontrar um meio. — disse vovó.

Mas, ao dirigir-se em passos lentos para casa, Jean Louis não tinha certeza assim de que conseguiria fazer Mlle. Chabas sorrir. Não achava graça em anedotas e considerava as charadas uma bobagem. O garôto parou junto à barraca de flôres; vovó costumava sorrir,

O Bispo Presidente Fala à Juventude Sobre:

Enfrentar os Desafios da Vida

Bispo John H. Vandenberg

Desde o princípio, o homem tem vivido num mundo antagonico. Assim foi decretado, quando Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden e o Senhor declarou: "...maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida; "Espinhas, e cardos também, te produzirá..."

"No suor do teu rosto comerás o teu pão..." (Gên. 3:17-19)

Interessante é notar a declaração "maldita é a terra por causa de ti." À primeira vista, parece um paradoxo, até refletirmos por um momento na necessidade da oposição na vida, pois nos dá um ponto elevado ao qual nos dirigir. E esta dimensão ascendente cria, de maneira automática, outro ponto oposto em direção descendente. Sem essa lei dos opostos, todas as coisas permaneceriam estacionárias no tempo e no espaço.

No Livro de Mórmon, Léhi explica claramente por que deve haver antagonismos na vida, a fim de que o homem possa alcançar qualquer crescimento ou progresso: "Porque é necessário que haja oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fôsse, não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal. **Portanto, é preciso que todas as coisas formem um conjunto;** E, portanto, havendo um corpo, haveria de estar como morto, não tendo vida nem morte, nem corrupção nem incorrupção... nem sensibilidade nem insensibilidade.

"Deveria, portanto, ter sido criado

em vão, não tendo a sua criação obedecido a nenhum fim" (2 Néfi 2: 11-12, Grifo nosso)

Em virtude da visão e conhecimento proporcionados por estas Escrituras quanto ao real propósito da oposição na vida, a juventude da Igreja não necessita deixar-se confundir pelas vozes traiçoeiras que apregoam a revolução e violência como meio de estabelecer de pronto o mundo perfeito. No caminho para a vida eterna, como que numa sala de aula espiritual e moral, somos expostos a lutas, pobreza, injustiças e fracassos. Todos estão em movimento — ou subindo em direção à perfeição, eterna paz e alegria, ou descendo para a imperfeição, eterno pesar e angústia. O livre-arbítrio, a oportunidade de escolher nossos atos, requer condições que permitam ao violento, pecaminoso, luxurioso, fazer aquilo que lhes dê liberdade de expressar seus torpes desejos. E assim fazendo, originam condições que ferem o inocente, perturbam a paz, criam necessidade e carência, prejudicam o crescimento e progresso positivo dos que desejam obedecer ao Senhor, buscando atingir a perfeição que será plenamente realizada nas eternidades.

Os membros da Igreja podem esperar problemas que necessitem resolver. Mas eles sabem que a maneira produtiva de enfrentá-los é através dos processos legais e da autoridade constituída. Nenhum membro em harmonia com a Igreja procurará solucionar os problemas atuais desobedecendo à lei e à ordem "cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra

e manutenção da lei." (12.º Regra de Fé)

Os santos dos últimos dias fiéis procuram enfrentar os desafios de hoje para construir um mundo melhor no qual todos os homens, através de diligência pessoal, venham a ter a oportunidade de escolher o caminho ascendente para a paz e alegria eternas, recorrendo unicamente aos canais legais e constitucionais devidamente estabelecidos.

Uma pequena, ruidosa, violenta minoria põe a culpa de todos os males do mundo ao que denomina "instituições estabelecidas", advogando a subversão e destruição do que sabemos não ser perfeito, não obstante ser a única base disponível para se alcançar o progresso. Não dispõem de nenhum plano, e muito menos de capacidade para melhorar até mesmo as condições mais simples que tanto deploram. A menos que uma pessoa disponha de planos, capacidade e meios para substituir o que não é perfeito em nossa sociedade, por algo melhor, ela provocará uma regressão e decadência, em lugar de progresso e elevação. A mocidade SUD tem consciência dos desafios e problemas do presente. Sabe que esta vida é uma jornada, e que o seu objetivo com a paz e plenitude almejados, não poderá ser totalmente atingido nesta terra. O caminho para a alegria eterna é íngreme e áspero, mas também deveras emocionante, conduzindo ao destino que proverá tudo aquilo que deseja em retidão. Essa mocidade aceita de bom grado as labutas da escalada. Para ela, a caminhada desafiante e adversa é um oportunidade, e não uma frustração.

O RISCO DO AMOR

Bem, afinal acabara acontecendo aquilo que achara impossível, aquilo que dissera nunca acontecer a ela, aquilo que julgara acontecesse somente aos muito mais fracos do que ela — amar um rapaz não pertencente à Igreja.

Oh, sim, mostrara-se presunçosa e segura de si. Olhara com compaixão as mulheres solitárias na Igreja, eventualmente sentadas em companhia dos filhos, mas nem por isso aparentando menos solidão. De um modo geral, dividiam-se em dois grupos — aquelas que se converteram sem os maridos, e as outras criadas na Igreja, mas que, em determinada ocasião, haviam-se esquecido de encarar o casamento no templo como único padrão de matrimônio aceitável. Qual dos grupos seria mais lamentável? E quanta falta não fazia o apêlo do Sacerdócio na vida de ambos!!

"A mim não acontecerá", Júlia prometera a si mesma, mas agora perguntava: "A mim também?", atemorizada ante a magnitude da situa-

ção, que afetaria não somente a ela como toda a sua posteridade.

Haviam-se passado três anos desde que deixara o lar, para cursar a escola de comércio e trabalhar na cidade. Dois e meio desde o dia em que dois missionários mórmons haviam chegado à sua porta — dois anos e meio desde o dia em que, por pura gentileza, pedira que entrassem para tirá-los do sol ardente, e depois, devido à nascente curiosidade espiritual, permitira que viessem de novo.

Desde aí, a Igreja era tudo o que importava. Ela, uma jovem solitária numa cidade grande, subitamente viu-se rodeada de corações calorosos. Ela, que não sabia como matar o tempo, descobriu que não havia essa coisa chamada ociosidade entre os verdadeiros mórmons. Ela, que se sentia perdida e incerta, encontrou um mundo de questões torturantes e respectivas respostas satisfatórias. Ela, que se sentira vagando a êsmo, ganhou nova confiança como filha amada de Deus.





Ficção

Catherine Kay Edwards

Ilustrado por Ralph Reynolds

Sua nova vida era uma experiência rica e sempre renovada, mas as irmãs costumavam balançar a cabeça, dizendo: "Ó Júlia, como desejaríamos que encontrasse um bom jovem SUD." Intimamente, Júlia aquiescia, concordando. O casamento que sempre fizera parte de seus sonhos, tornou-se um anseio maior do almejado destino.

Certo dia, numa esporádica disposição de auto-piedade e "céus, a-vida-está-passando-ao-largo", a moça aceitou um convite para um baile na igreja de sua melhor amiga. Rute encontrava-se em situação semelhante à de Júlia como única jovem solteira em sua igreja, provocando imediata atração mútua.

Encontrar alguém de especial interesse era o que Júlia menos esperava, enquanto enfiava seu vestido de baile predileto — aquele de "chiffon" rosa pálido. Já se conformara com o fato de que seria igual a tantos outros bailes do passado — os homens mais velhos tirando-a para dançar por educação, e os ado-

lescentes por não terem coragem suficiente para procurar as meninas de sua idade. Portanto, como haveria de sentir-se emocionada ao perceber um toque gentil no ombro e uma voz pedindo a próxima contradança? Claro que não — pelo menos, até voltar-se e fitar os límpidos olhos azuis de Eduardo Sales.

Não foi um amor à primeira vista. Antes, uma impressão de "Parece alguém como sempre desejei conhecer". E quanto ao Edu? Sua primeira impressão foi simplesmente de "Foi bom encontrá-la. Gostaria de conhecê-la. melhor."

A noite inteira fôra um atordoamento de luzes, música e risos, pelo que Júlia conseguia recordar, até ver-se deitada em sua cama, ainda sorrindo, trêmula e saboreando o fato de ter um encontro marcado para a próxima sexta-feira.

Então, veio o desencanto!

Ela, Júlia Campos, membro fiel da Igreja, firme candidata a um casa-

mento no templo, havia marcado um encontro com rapaz não-mórmon, além de membro firme da própria igreja. Certo, já saíra com outros rapazes de fora; isto não era tão desaprovado assim naquele meio em que havia falta de rapazes da sua idade, mas... Seja sincera, êste caso era diferente. Muito diferente mesmo.

Com certeza, pensou, não pode ser tão errado. Êle é pessoa tão excepcional — não fuma, não bebe, não é briguento, nem parece vulgar. Sabes como rir e divertir-se; tem boas maneiras, um tanto tímido, porém ótima companhia. Em suma, um perfeito mórmon, exceto por uma coisa: não ser mórmon.

Revirou tais argumentos durante a noite inteira. Repetidamente, reviveu as horas encantadoras da última noite e enumerava as boas qualidades dêle, mas sempre voltava ao mesmo ponto — êle não era da mesma religião. Finalmente, antes de conciliar o sono, chegou a uma conclusão: sairia com êle, mas não passaria disso. Não permitiria que o caso se transformasse em namoro firme; ficaria grata por ter encontrado alguém com quem usufruir umas horas de diversão sadia. Continuava determinada a casar-se somente com um digno portador do Sacerdócio e saberia controlar suas emoções. Então, furtivamente, ocorreu-lhe exatamente que Edu diria a si mesmo: "É uma boa menina, mas... é mórmon! Que importa, não é nada sério, apenas um namorico."

Como poderia ela descrever as semanas seguintes, ao aprofundar-se sua amizade com Eduardo? Os dois apreciavam as mesmas coisas, tinham quase os mesmos problemas, sonhos e objetivos semelhantes. Tudo o que faziam juntos lhes dava prazer; na verdade, não havia nada de alarmante "esmagador" na relação dêles; os dois se ajustavam como um maravilhoso jogo de montar — que carecia apenas de uma peça.

Apenas uma peça, mas o que vale um jogo incompleto, ainda mais quando lhe falta a peça mais importante: a chave que revelará toda a sua beleza? Júlia bem que o compreendia, e Eduardo também.

Nesta época, também surgiram outros problemas para Júlia. Às vezes, arojava-se num turbilhão de atividades e estudos religiosos, enquanto em outras ocasiões, tinha que forçar-se a freqüentar as reuniões. Às vezes, procurava agradar a cada um dos irmãos e irmãs da Igreja; outras vezes, retribuía sêcamente qualquer cumprimento. Um dia, jurava nunca mais encontrar-se com êle, e no dia seguinte, chorava porque não mais conseguia viver sem êle. Quando se decidia a aceitar convite, de algum outro rapaz, tal perspectiva só fazia com que se sentisse mais ligada a Eduardo. Havia momentos em que a própria afinidade e mútua identificação eram insuportáveis para ambos.

Certo domingo, ao sair apressadamente da reunião sacramental, o bispo perguntou-lhe se dispunha de alguns minutos para conversarem. Ela anuiu prontamente, pois o tinha em alta conta e compreendia que não mais poderia prescindir da orientação do Sacerdócio. Não obstante, há muito vinha temendo aquêles momentos, ao qual, bem o sabia, não poderia esquivar-se.

— Estou contente, Júlia, pelo fato de podermos conversar um pouco — observou êle, após umas poucas observações preliminares. — Últimamente, procurei falar com você, mas parece que nunca pude encontrá-la em tempo após as reuniões. Alguma coisa a está perturbando, não é?

Júlia continuava sentada tensa em sua cadeira, fitando suas mãos inquietas, mas, mesmo assim, conseguiu concordar com um movimento de cabeça.

Hesitante, ela começou a falar sobre si mesma e o atraente rapaz que

representava tudo o que ela desejava na vida, e da situação que não sabia como enfrentar. O bispo escutava atentamente, vez por outra meneando a cabeça ou fazendo uma pergunta.

— Muito bem, já compreendi. Não deixa de ser um problema, mas o jovem me parece um ótimo rapaz.

— Aí é que está, bispo; êle é tão bom! Se fôsse um sujeito vulgar ou maçante sob qualquer aspecto, largaria dêle, sem mais nem menos; mas êle não é. Quanto mais o conheço, mais qualidades admiráveis descubro. Êle é — bem, êle é tão mórmon — só que não se dá conta disso.

O bispo sorriu para ela e depois respondeu:

— Agora você acabou de esbarrar num dos problemas mais triste de um bispo ou missionário ou mesmo um simples mórmon. Tenho encontrado tantas pessoas maravilhosas que dariam ótimos mórmons, algumas das quais tiveram as lições e quase se batizaram, mas, por alguma razão, não o fizeram. Que grande benefício não teriam ao compartilhar nossas bênçãos e como haveriam de progredir! A Igreja precisa delas, mas elas necessitam ainda mais da Igreja.

— É sim, — Júlia concordou emocionada, — às vezes dá vontade até de sacudi-las e gritar: "Você não compreende o que significa a Igreja? Não vê que isto é a coisa mais sublime que poderia acontecer a você?"

O bispo riu ante o desabafo dela. Júlia não pôde deixar de rir com êle e, repetidamente, com grande alívio, sentiu os nervos relaxarem pela primeira vez nas últimas semanas.

— Júlia, — disse êle gravemente, — não vou dizer a você que largue êsse mção. mas, sim, pedir-lhe uma

coisa bem mais difícil. Quero que você, à sua maneira e no tempo que achar melhor, lhe mostre as belezas do plano do Evangelho. Você precisa ser muito firme quanto à sua fé e um constante exemplo vivo do Evangelho. Ame-o e ensine-o, mas, se notar que está endurecendo o coração contra a Igreja, então você precisará ter a força, com o auxílio do Espírito Santo, de desistir d'ele e começar vida nova.

Júlia sentia-se assoberbada pela enormidade da tarefa que lhe pediam. Já desempenhara diversos chamados na Igreja, mas nenhum que se pudesse comparar a isto e que lhe significasse tanto.

— Sei o quanto lhe estou pedindo, mas você não estará sôzinha. Minhas orações a acompanharão e, se você concordar, também as de meus conselheiros, mas seu maior auxílio deverá vir do Espírito Santo. Procure ganhar forças através da oração e do jejum. Pergunte a si mesma, a cada dia e cada hora: "O que o casamento no templo significa para mim? E o Sacerdócio?" Você teve que viver sem a assistência do Sacerdócio no lar. Será que deseja continuar assim? Qual é o sentido real do Evangelho em sua vida?

Júlia partiu com as bênçãos do bispo e uma humilde prece em seu coração; nunca antes se sentira tão humilde e, no entanto, tão confiante no futuro. Jamais necessitara tanto de Deus.

Nenhuma palavra poderia descrever as poucas semanas que se seguiram — momentos de puro êxtase e outros profundamente torturantes.

— Por favor, Júlia, conte-me do que se trata. Desejo ajudá-la, e supponho que você quer que eu o faça. Gradualmente, ela começou a falar ao moço sobre alguns princípios da Igreja e explicar-lhe o que significa ser mórmon. quando só, levava muito tempo estudando e indagando a

si mesma: "**O que a Igreja significa para mim?**" Sempre que achava as coisas difíceis demais, procurava o bispo que, infalivelmente, encontrava as palavras certas para confortá-la. Mencionou por alto seu problema a alguns membros da ala e ficou profundamente comovida com suas orações e votos de sucesso. Todos lhe asseguravam que uma pessoa tão maravilhosa não poderia deixar de constatar a veracidade do Evangelho.

E surgiram os primeiros sucessos.

Aquela primeira vez em que a acompanhou à Igreja e descobriu que já conhecia e respeitava muito de seus membros. Todos lhe estenderam a mão da amizade, deixando-o impressionado com a alegria entusiasta dos santos dos últimos dias.

Houve a suspeita inicial dos pais d'ele, quando o filho começou a questionar a religião da família, porém o calor de Júlia e a busca sincera de Eduardo acabaram por abrandá-los, pois ele sempre fôra um bom filho e merecia a confiança d'eles também neste particular.

As festas da AMM, as partidas de tênis com os élderes, um jantar na casa do bispo, as conferências da estaca, as aulas da Escola Dominical dedicados aos investigadores — foram semanas encantadoras estas, em que Eduardo veio a conhecer os mórmons e sua maneira de viver — semanas nas quais Júlia compreendeu o quanto desejava que seus destinos se ligassem.

Semanas mais tarde, Júlia estava sôzinha em seu quarto, tentando ler um livro; seus pensamentos, porém, estavam com Edu. Cerrou os olhos em angustiosa concentração, pois, ultimamente, as coisas não iam muito bem. Sempre houvera algumas dúvidas na mente d'ele, contudo, nas últimas aulas, surgiram coisas importantes que não conseguira aceitar, complicando a situação. Parecia que se anunciava uma crise, como se algo

dentro d'ele estivesse tentando opor uma última resistência.

Conjeturava se tudo fôra em vão. Seria este o fim de todas as suas orações e esforços? O que seria, se não aceitasse a Igreja? Iria prosseguir mesmo assim, casar-se com ele, na esperança de que, com o tempo, conseguiria mudar sua opinião? Sentir-se-ia desapontado com ela e com a Igreja, abandonando-a para sempre? Neste caso, como conseguiria refazer a vida? Isto faria com que ela ficasse com sentimentos antagônicos à Igreja? Ou acabaria ele aceitando toda a maravilhosa verdade, possibilitando que, juntos, através do Sacerdócio, construíssem uma eterna unidade de amor?

De repente, ouviu fortes batidas na porta e a voz de Eduardo chamando por ela. Apressou-se em atender.

— Sinto sinceramente por importuná-la nessa hora, Júlia, mas aconteceu algo e preciso falar com você. Por favor!

Sem nada dizer, ela saiu e fechou a porta atrás de si. Caminharam um bom pedaço, em passos apertados e sem falar. Pensamentos profundos, preocupados, fervilhavam sua cabeça; ansiava por colocar sua mão na d'ele, contudo não ousava fazê-lo.

Finalmente, ele parou junto à velha árvore retorcida lá da praça da cidade, um dos lugares favoritos d'eles, e ela apoiou-se num dos galhos mais baixos. Era uma daquelas raras noites enluaradas, serena e suave.

— Júlia, eu... eu fiz uma coisa muito incomum para mim esta noite.

Ela ficou sem saber o que dizer, conseguindo articular somente um débil "Oh"! enquanto rogava intimamente: "**Ajuda-me a ajudá-lo!**"

— Hoje à noite, eu orei. Não, não ria, por favor. Estou falando a verdade. Veja, pensava ter orado antes, mas, na verdade não o fiz, pelo menos não dessa maneira. Nem tampouco senti jamais o que experimentei

naquele momento. Paz, Júlia. A boa, verdadeira e plena paz que nunca supus existisse. Os élderes sempre me pediam que orasse com um coração sincero, mas, na realidade, nunca o fiz, e minha mente continuava sendo atormentada por dúvidas e temores. Mas, hoje à noite, ajoelhei-me e orei com uma sinceridade que jamais acreditei possível.

Ela continuava estática, sentindo a força dessa nova e profunda fé, e maravilhava-se de que ele a julgara digna de compartilhá-la.

— Foi aí que tôdas as minhas dúvidas se desvaneceram e pude ver tudo tão belo, claro como cristal. Então, todos os meus motivos para duvidar da Igreja se foram. Não eram tão importantes assim, mesmo que o povo pense que eu aceitei a Igreja só por sua causa. Sei que Joseph Smith foi um profeta, que a Igreja dos Santos dos Últimos Dias é a verdadeira Igreja de Cristo sobre a terra. Tudo o que desejo, Júlia, é tornar-me um bom mórmon. Não quero fazê-lo pela metade, mas sim dedicar minha vida e meus anseios a ser um bom membro da Igreja, um bom irmão ao meus semelhantes, e um bom marido para você. Quero crescer por toda a eternidade, junto com você. Eu preciso de você, Júlia, e a amo muito!

Ela continuou imóvel, as lágrimas nascentes rolando mansamente, despercebidas.

Querido Pai nos céus, orava em seu coração, ajuda-me, por favor, a nunca esquecer este momento ou a beleza da sua alma. Perdoa-me minhas dúvidas e queixumes, e faça com que eu seja digna dele. Perdoa-me também a minha maior fraqueza que agora reconheço: o egoísmo. Desde que o conheci, pensei apenas em torná-lo um mórmon, para que me levasse ao templo. Perdoa por ter pensado mais nas minhas necessidades do que nas do meu próximo.

Olhando para aquela face tão cara ao seu coração, acariciou-a delicadamente com as pontas dos dedos. Um sorriso de felicidade iluminou a face dela, sendo correspondido por idêntica expressão. **O risco do amor, refletiu, e a certeza da verdade.**

O PRESIDENTE

H. Parker Blount

Na noite de 27 de junho de 1844, o Profeta Joseph Smith e seu irmão Hyrum foram martirizados na prisão de Carthage, Illinois. "Assim, após catorze breves anos de serviço oficial, o ministério do Profeta chegava ao seu final e a nova Igreja enfrentava a maior crise de toda a sua história. A despeito de terem sido prevenidos por ele, o povo achava-se completamente despreparado para a terrível tragédia que os atingira".

Ao saberem da morte do Profeta, os membros do Conselho dos Doze, que então se encontravam no Leste, cumprindo a missão especial de pregar o Evangelho e apresentar os pontos de vista políticos de Joseph Smith como candidato independente à presidência dos Estados Unidos, iniciaram seu retorno para Nauvoo. Com exceção de Willard Richards e John Taylor, que estavam com Joseph Smith em Carthage, os demais membros dos Doze chegaram a Nauvoo no dia 6 de agosto.

A morte de Joseph Smith também provocou o retorno de Sidney Rigdon, primeiro conselheiro do Profeta no quorum da Primeira Presidência da Igreja. Rigdon que, contrariando a vontade do Senhor, estivera residindo em Pittsburgh, Pennsylvania. (Veja D&C [124:108,109], chegou a Nauvoo no sábado, 3 de agosto de 1844, sendo convidado a reunir-se em conselho, no dia seguinte, com Willard Richards, Parley P. Pratt e George A. Smith.

Nessa reunião, Sidney Rigdon reclamou o direito de liderar a Igreja.

O Élder Rigdon baseou suas palavras na passagem de Isaías 55:8, onde se lê: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor". Relatou uma visão que dizia ter-lhe o Senhor concedido a respeito da situação da Igreja, e disse que havia necessidade de designar-se um guardião para edificar a Igreja para Joseph como este a começara.

Disse ser ele o próprio homem sobre o qual os antigos profetas cantaram, escreveram e se regozijaram, e que fora enviado para fazer o mesmo trabalho que havia sido o tema de todos os profetas de todas as gerações precedentes.

Na sessão da tarde da reunião de 4 de agosto, o Élder William Marks, presidente da Estaca de Nauvoo, noticiou a pedido de Sidney Rigdon que, nos próximos dias, seria convocada uma reunião especial com "o propósito de escolher um guardião, (presidente e fiduciário)".

H. Parker Blount, atualmente leciona e estuda para seu doutoramento em psicologia educacional na Universidade Purdue, em Indiana. Em 1961, terminou sua missão nos estados do Noroeste, diplomando-se posteriormente pela Universidade de Brigham Young. É casado com Shauna Olsen; o casal tem dois filhos: são membros da Ala Purdue, Estaca de Indianápolis (Indiana), onde o irmão Blount serve na presidência do quorum dos setentas.

TE DA IGREJA

No dia 7 de agosto, quarta-feira, às 16 horas, realizou-se uma reunião dos apóstolos, sumos conselheiros e sumos sacerdotes. Brigham Young solicitou a Sidney Rigdon que fizesse uma declaração à Igreja, concernente à visão e revelação que houvera recebido. Este fixou sua posição nos seguintes termos:

O objeto de minha missão é visitar os santos e oferecer-me a eles como guardião. Tive uma visão em Pittsburgh, no dia 27 de junho p.p., a mim revelada não como uma visão aberta, mas antes uma continuação daquela mencionada no "Livro de Doutrina e Convênios".

Foi-me dado ver que esta Igreja precisa ser edificada a Joseph, e que todas as bênçãos que recebemos devem vir através dele. Fui ordenado porta-voz de Joseph, devendo vir a Nauvoo e providenciar que a Igreja seja governada de maneira adequada, Joseph mantém o mesmo relacionamento com a Igreja que sempre teve. Nenhum homem poderá tornar-se seu sucessor.

O reino deve ser edificado a Jesus Cristo através de Joseph; ainda deverá haver revelação. O Profeta martirizado continua sendo o cabeça desta igreja; todo quorum deve permanecer como vós o fizestes até agora em vossos lavamentos e consagrações. Fui consagrado como porta-voz de Joseph, e ordenado a falar em nome dele. A Igreja não está desorganizada, embora nosso cabeça se tenha ido.

Talvez haja pontos de vista opostos quanto a este assunto. Eu fui chamado para ser o porta-voz de Joseph, e quero edificar a igreja a ele; e se o povo deseja apoiar-me nesse lugar, quero que seja pelo princípio de que cada indivíduo deve fazê-lo por si mesmo.

Proponho-me a ser um guardião para o povo; assim fazendo, cumpri minha missão e faço o que Deus me mandou, e o povo que decida se me aceita ou não.

Após Sidney Rigdon, foi a vez de Brigham Young, que falou a respeito da liderança da Igreja, dizendo em parte:

Não faço questão de quem dirige a Igreja, mesmo que seja Ann Lee; mas uma coisa preciso saber, e isto é o que Deus diz acerca disso. Eu possuo as chaves e os meios de obter a vontade de Deus quanto a este assunto.

Sei que existem em nosso meio aqueles que procurarão tirar a vida aos Doze, como o fizeram a Joseph e Hyrum. Devemos ordenar outros, dando-lhes a plenitude do Sacerdócio, para que, se formos mortos, a plenitude do Sacerdócio permaneça.

Joseph conferiu sobre nossas cabeças todas as chaves e poderes pertencentes ao apostolado que ele próprio possuía antes de nos ser arrebatado, e nenhum homem ou grupo de homens pode interpor-se entre Joseph e os Doze, seja neste mundo ou no mundo por vir.

Quantas vezes Joseph não disse

aos Doze: "Lancei os alicerces e deveis construir sobre eles, pois sobre vossos ombros repousa o reino".

Brigham Young finalizou, convocando uma conferência especial para o dia seguinte, 8 de agosto, às 10 horas, à qual deviam comparecer "o povo com os vários quoruns do Sacerdócio".

Nessa conferência especial, Sidney Rigdon discursou durante hora e meia sobre o tema de escolher um guardião para a Igreja, sendo ele o "guardião" a ser escolhido.

Brigham Young encerrou a sessão matutina da conferência, dizendo aos santos que, se desejavam conhecer o parecer e a vontade de Deus, deveriam reuni-se de acordo com a ordem e realizar uma assembléia geral nos diversos quoruns, tribunal esse de cujas decisão não haveria apelação. Solicitou uma assembléia dos quoruns às 14 horas daquela tarde, junto com a reunião geral dos membros.

Nessa sessão vespertina, quando Brigham Young se ergueu para falar, ficou transfigurado diante do povo, que o viu na semelhança do Profeta Joseph Smith, tanto em estatura quanto à voz.

Em seu discurso, reivindicou que o Quorum dos Doze dirigisse a Igreja, na falta da Primeira Presidência.

A primeira posição por mim adotada em favor dos Doze e do povo é fazer-vos algumas perguntas. Eu pergunto aos santos dos últimos dias: Quereis vós como indivíduos, neste

momento, escolher um profeta ou guardião? Visto que nosso Profeta e Patriarca foi arrebatado de nosso meio, quereis alguém para vos guardar, guiar e conduzir por este mundo para o reino de Deus, ou não? Todos os que quiserem que certa pessoa seja guardião, ou profeta, um porta-voz ou coisa parecida, manifeste-se levantando a mão direita. **(Nenhum voto)**

Se o povo deseja ser dirigido pelo Presidente Rigdon, que seja; mas eu vos digo que o Quorum dos Doze possui as chaves do reino de Deus em todo o mundo.

Os Doze são designados pelo dedo de Deus... os Doze, um corpo independente que tem as chaves do Sacerdócio — as chaves do reino de Deus, para serem entregues a todo o mundo: isto é verdade, que Deus me ouça! Eles são os mais próximos de Joseph, iguais à Primeira Presidência da Igreja.

Não podeis preencher o ofício de um profeta, vidente e revelador: isto cabe a Deus.

Repito novamente, nenhum homem pode ficar à nossa testa, a não ser que Deus o revele dos céus.

Agora, se quereis que Sidney Rigdon ou William Law, ou outro qualquer vos dirija, que assim seja; mas eu vos digo, em nome do Senhor, que nenhum homem pode interpor outro entre os Doze e o Profeta Joseph. Por quê? Porque Joseph era sua vigamestra, seu líder, e confiou-lhes as chaves do reino para o mundo inteiro nesta última dispensação; não co-

loqueis nenhuma barreira entre o Sacerdócio e Deus.

Não podeis indicar um profeta; mas, se permitirdes que os Doze permaneçam e ajam segundo o seu chamado, as chaves do reino estão em poder deles e poderão governar os negócios da Igreja e dirigir todas as coisas corretamente.

A seguir, falaram Amasa M. Lyman, William W. Phelps e Parley P. Pratt, todos eles endossando as palavras de Brigham Young.

Depois de os irmãos concluírem suas observações, Brigham Young levantou-se e pediu uma votação para “apoiar os Doze como Primeira Presidência do povo.” Após a votação afirmativa, pediu os votos negativos. Mão alguma se ergueu.

O Quorum dos Doze, presidido por Brigham Young, nos próximos três anos foi apoiado como conselho presidente da Igreja. A 5 de dezembro de 1847, na casa de Orson Hyde, os apóstolos reunidos discutiram a reorganização da Primeira Presidência. Orson Hyde apresentou uma moção, apoiada unanimemente, indicando Brigham Young para presidente da Igreja, sendo-lhe concedido o direito de escolher seus conselheiros. Foi realizada uma conferência geral da Igreja, de 24 a 27 de dezembro, sendo que, no último dia, a Primeira Presidência, formada por Brigham Young, Heber C. Kimball e Willard Richards, foi apoiada pelo voto unânime de todos os santos.

Não obstante a questão da liderança da Igreja parecer um tanto obs-

cure a muitas pessoas, na verdade Joseph Smith, tendo previsto sua morte, havia estabelecido princípios para a devida transferência de liderança. Tais princípios não eram nem de perto tão vagos como os eventos da época possam sugerir.

Joseph Smith recebeu do Senhor o mandamento de chamar os doze apóstolos. (Veja D&C 18) Estes Doze deviam ser escolhidos e ordenados pelas três testemunhas especiais do Livro de Mórmon. Na tarde de 14 de fevereiro de 1835, a Primeira Presidência (Joseph Smith, Sidney Rigdon e Frederick G. Williams) abençoaram as três testemunhas. Depois, uniram-se em oração e procederam à chamada dos doze apóstolos.

Não havia dúvidas na mente de Joseph Smith quanto à posição ocupada pelos Doze e a situação deles no tocante à autoridade e chaves na Igreja. Em numerosas ocasiões, procurou esclarecer essa posição perante o povo. Em 28 de março de 1835, Joseph Smith recebeu uma revelação em Kirtland, Ohio, que estabeleceu definitivamente o relacionamento entre a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze Apóstolos. O Senhor disse, entre outras coisas, que os três sumos sacerdotes presidentes, escolhidos pela assembléia da Igreja, formavam o quorum da Presidência dela, e que os doze apóstolos, testemunhas especiais de Cristo, compunham um quorum “igual em autoridade e poder aos três presidentes.” (Veja D&C 107:23,24)

Dois anos mais tarde, a 23 de julho de 1837, foi revelado a Joseph

que as chaves do Sacerdócio eram dadas tanto à Primeira Presidência como aos Doze. (Veja D&C 112:30-32) Além disso, o Profeta declarou: "Os Doze não estão sujeitos a ninguém, além da Primeira Presidência... e, onde eu não estiver, não haverá nenhuma Primeira Presidência sobre os Doze."

Orson Hyde falou dos sentimentos e premonições do Profeta Joseph Smith acerca do Conselho dos Doze. "Certa vez, na presença de uns sessenta indivíduos, êle (Joseph) disse: 'Minha obra está por terminar; estou para me retirar por uns tempos. Vou descansar do trabalho, pois supor-tei o fardo e o ardor dêsses dias, e agora vou pôr-me de lado e descansar um pouco. E passo o fardo que carregue sobre os ombros aos dos Doze Apóstolos. Pois bem,' disse êle, 'reuni vossos ombros e levei avante o reino.' "

Por ocasião da escolha dos membros do Conselho dos Doze, foram colocados em ordem de precedência segundo a idade. Brigham Young era precedido por Thomas B. Marsh e David W. Patten. Mais tarde, o último foi morto e quando Marsh, membro sênior e presidente dos Doze, abandonou a Igreja, Brigham Young passou ao seu lugar. Numa reunião do Quorum dos Doze em Preston, Inglaterra, êle foi apoiado unânimemente como presidente dos Doze.

Assim estava estabelecido o precedente de que o membro sênior e presidente do Quorum dos Doze devia ser apresentado à congregação

da Igreja para o voto de apoio como presidente dela após a morte do Profeta Joseph Smith. Que tal precedente foi estabelecido, vê-se pelas observações de John Taylor que sucedeu a Brigham Young como presidente da Igreja.

Assim nossas posições... pareciam claramente definidas... Eu presidia o Quorum, e ocupando essa posição que era inteiramente entendida pelo Quorum dos Doze, por ocasião da morte do Presidente Young, quando os Doze assumiram a presidência, sendo eu o presidente dêles, isto me colocava na posição de presidente da Igreja...

Tal assunto é ainda mais esclarecido no seguinte trecho:

Quando o presidente da Igreja falece ou por um motivo qualquer renuncia ao seu ofício, a responsabilidade de escolher seu sucessor sob revelação recai sobre o Conselho dos Doze. O membro sênior, se qualificado, o sucederá nesse cargo, sendo ordenado pelo Conselho dos Doze, que retém toda a autoridade investida na Igreja.

A questão de quem deveria assumir a liderança da Igreja, quando a Primeira Presidência é dissolvida, foi plenamente esclarecida pela resposta de Wilford Woodruff ao lhe perguntarem: "O senhor conhece qualquer razão por que, em caso de morte do presidente da Igreja, os doze apóstolos não devem escolher outra pessoa que não o presidente dos Doze para presidente da Igreja?" Eis o que respondeu:

Conheço diversas razões pelas quais não devem fazê-lo. Primeiro, por ocasião da morte do presidente da Igreja, os Doze tornam-se a autoridade que preside a ela, e o presidente dos Doze é realmente o presidente da Igreja por virtude do seu ofício, tanto enquanto preside sobre os Doze Apóstolos, como enquanto o faz sobre seus dois conselheiros... Segundo, no caso de morte do presidente da Igreja, é preciso uma maioria dos Doze Apóstolos, para indicar o presidente da Igreja, sendo bastante irracional supor que a maioria dêsse quorum pudesse ser convencida a afastar-se do curso estabelecido por inspiração, e seguido pelos apóstolos por ocasião da morte de Cristo e pelos Doze, após a morte de Joseph Smith.

Embora haja um precedente firmemente estabelecido, convém lembrar que Deus chama o homem para ser profeta, porém o povo decide quem será seu líder terreno. "Não podeis preencher o ofício de profeta vidente e revelador: Deus é quem precisa fazê-lo." Contudo,

Um homem pode ser profeta, vidente e revelador, sem que isto nada tenha a ver com o fato de ser presidente da Igreja... Joseph Smith foi presidente da Igreja... por voto do povo. Poderíeis encontrar qualquer revelação designando-o presidente da Igreja? As chaves do Sacerdócio foram confiadas a êle... mas, quando foi chamado a presidir sobre a Igreja, o foi pela voz do povo; não obstante, êle retinha as chaves do Sacerdócio independentemente dêsse voto.

O Hábito de Ser Grato

Bonnie J. Babbel



Ontem, comprei alguns metros de fazenda e um carretel de linha da mesma cor, para confeccionar um vestido de verão para mim. Ao ver a estonteante exibição de centenas de carretéis de linha, veio-me a recordação de outro lugar e outra época em que linha era coisa rara e agulhas guardadas como um tesouro.

Eu tinha apenas três semanas, quando, em janeiro de 1946, meu pai, Frederick W. Babbel, foi chamado pelo Profeta do Senhor para acompanhar o Élder Ezra Taft Benson numa missão especial à Europa. Foram encarregados de distribuir os suprimentos de socorro aos santos naquelas terras arrasadas pela guerra, e restabelecer lá o inteiro programa da Igreja.

Bonnie June Babbel é filha de Frederick W. e June Andrew Babbel. Terminou recentemente uma missão na Nova Inglaterra, sendo diplomada pela Universidade de Brigham Young.

Quinze meses mais tarde, meu pai retornou, com sua vida modificada pela experiência vivida. Também a minha tem-se modificado, ao ouvi-lo contar as condições existentes na Europa depois da II Guerra Mundial. Tornei-me mais cônica da abundância de boas coisas que usufruo e sinto-me cheia de gratidão por elas.

“Queiram tôdas as crianças presentes até oito anos de idade vir aqui à frente. Gostaria de dar a cada uma delas um presentinho.”

Era o Élder Ezra Taft Benson falando. Ele acabara de dirigir-se a mais de 500 santos, na ex-grande cidade de Hamburgo, Alemanha, na primavera de 1946. Hamburgo era um monte de destroços resultante de milhares de reides de bombardeio. Milhões de pessoas ainda estavam por demais aturdidadas e fracas por falta de alimentos, para fazer mais do que vaguear apáticas, vestidas em trapos, as faces e corpos refletindo a devastação da guerra.

Umase sessenta crianças se adiantaram no amplo, semi-destruído auditório escolar, sendo presenteadas pelo primeiro apóstolo a visitar os santos na Europa após o recente holocausto, com bombons e outras guloseimas. Ao voltarem para junto dos pais, muitas perguntaram: "Mutti (mãezinha), o que é isto?"

Imaginem, se puderem, crianças de seis a oito anos que não conheciam um bombom ou balas! Incrível? Não na Alemanha de após-guerra.

A seguir, o Élder Benson convidou todas as mães a virem à frente. A cada uma, deu uma barra de sabão. Ao verem esse insignificante presente em suas mãos, diversas puseram-se a chorar de agradecimento. As pessoas presentes podiam sentir profundo o sentimento de gratidão.

Finalmente, foram chamadas todas as mães que amamentavam ou estavam esperando um filho. Apareceram umas três dúzias, e a cada uma delas, o Élder Benson deu uma grande laranja da Califórnia. Ele conseguira arranjá-las de um sargento de rancho naquela mesma manhã, antes de partir da vizinha cidade de Bremen. Aquelas mulheres não conseguiam acreditar na sua boa fortuna.

Quando uma daquelas mães se adiantou, ela avisou um carretel de linha e uma agulha que o Élder Benson havia tirado da maleta ao descarregar as coisas que estava distribuindo. Dirigindo-se ao meu pai, Frederick W. Babbel, que dominava o alemão e estava servindo de intérprete, e pediu-lhe que indagasse ao Élder Benson se este não queria dar-lhe a linha e a agulha ao invés da laranja. Quando meu pai transmitiu o pedido, o Élder Benson apenas assentiu com um movimento de cabeça, por demais sufocado pelas lágrimas para poder falar.

Uns poucos instantes depois, aquela mãe voltava para seu lugar, com sua agulha e carretel de linha. Ao descer pela passagem central, a presidente da Sociedade de Socorro parou-a momentaneamente e disse: "Irmã... , sei que não se negará a partilhar a agulha e a linha com algumas de nós. Nossa necessidade é tão grande quanto a sua."

No dia seguinte, o Élder Benson e meu pai compareceram a uma reunião improvisada no que restava de um velho prédio escolar em Hannover, Alemanha. Estava escurecendo ao chegarem. Pedacos de papelão tapavam os vãos onde antes houvera vidraças. Imaginem a surpresa deles ao entrar e ver 20 crianças pequenas de pé sobre cadeiras, ao longo da passagem central, os braços cheios de flores, que espalhavam à passagem de Élder Benson e meu pai; naquela ocasião, andaram sobre maravilhosa passadeira de pétalas vivas! Estavam profundamente emocionados ao iniciarem a reunião.

Pouco depois, começou a chover. A forte ventania tornou necessário fechar os postigos. Sem vidraças que permitissem a passagem de alguma luz de fora, continuaram a reunião em escuridão quase total. Mas o côro formado às pressas cantou com tal entusiasmo e espírito, que a escuridão pareceu desfazer-se.

Nós, jovens, hoje em dia, vemos freqüentes manchetes de descontentamento, crime, guerras e ódios. O rádio e televisão continuamente transmitem reportagens e programas que retratam a confusão e amargura que parecem prestes a nos submergir. Precisamos de mais demonstrações de amor, bondade, aprêço e gratidão.

Ainda hoje, ao descascar batatas e jogar as cascas, não consigo esquecer...

O Élder Benson e meu pai estavam reunidos com os membros da Igreja de Saarbrücken, Alemanha — naquela época, zona de ocupação francesa. Aquêles santos, durante semanas, haviam tentado arranjar algumas fatias de pão, a fim de poderem participar do sacramento. Mas, como naquele tempo era impossível conseguir-se pão, finalmente decidiram usar cascas de batatas em seu lugar. Tiveram que pagar o equivalente a 100 dólares por um "bushel" dessas cascas — sem as batatas. (Cêrca de Cr\$ 492,00 ao câmbio atual; 1 bushel equivale a 35,238 litros. — N. do T.) O Élder Benson assegurou-lhes depois que estava certo de que o Senhor aceitara essa oferta.

É fácil sentir-se grato pelas coisas grandes, porém, muitas vêzes, esquecemo-nos das pequenas — não nos dando conta de que o que precisamos desenvolver é o HABITO de ser gratos.

Quantas vêzes meu pai não nos lembra de uma das mais doces promessas feitas pelo Senhor:

E aquêles que com ações de graças, receber todas as coisas, será feito glorioso; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas, mesmo centuplicadas, sim, até mais.
(D&C 78:19)

Missão Brasil Sul

Demonstração do fortalecimento da Igreja no Sul

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTES	N.º DE MEMBROS	MISSIONÁRIOS		CONVERSÕES	
				Distr.	Integral	Setembro	TOTAL
Bagé	Av. Gal. Osório, 845	Rick Pettingill	274	—	2	—	—
Dom Pedrito	Av. Rio Branco, 1040	Wayne Bergenson	16	—	2	4	16
Livramento	R. 24 de Maio, 247	Luiz A. de Barros	474	—	4	2	13
DISTRITO DE BAGÉ	R. 24 de Maio, 247	Salvador Santana	764	—	8	6	34
Criciúma	R. Henrique Lages, 503	Paulo de Oliveira	133	—	2	—	3
Florianópolis	R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.	João Raulino	264	—	6	—	11
Tubarão (dependente)	R. S. Manoel - Gal. Pio XII, Apto. 302	Craig Tallot	—	—	2	—	2
DISTRITO DE FLORIANÓPOLIS	R. Ten. Silveira, 56, 1.º and.	Bruno Espíndola	387	—	10	—	16
Ipoméia	Estr. Videira, s/n.º	Heinrich Blind	42	—	—	—	—
Pôrto União	R. Manuel Ribas, 100	Lino L. Alves	288	—	2	—	7
DISTRITO DE IPOMÉIA	Estr. Videira, s/n.º	Elias L. Alves	270	—	2	—	7
Blumenau	R. Floriano Peixoto, 75	Thomas Rodolf	52	—	2	—	—
Itajaí	R. Lauro Muller, s/n.º	Craig Rencher	79	—	2	—	2
Joinville	R. Max Colin, 426	Ceslav Gontarsyck	229	—	2	—	2
DISTRITO DE JOINVILLE	R. Max Colin, 426	Oscar Piske	360	—	6	—	4
Carazinho	R. Flôres da Cunha, s/n.º	Waldomiro Radtke	60	—	2	5	15
Erechim	R. 7 de Setembro, s/n.º	Celso Capudi	185	—	4	—	35
Passo Fundo	Av. Brasil, 576	Timothy Blis	163	—	4	1	7
DISTRITO DE PASSO FUNDO	R. 7 de Setembro, s/n.º	Celso Capudi	408	—	10	6	57
Pelotas	R. Princesa Isabel, 86	José A. de Almeida	792	—	4	4	22
Rio Grande	R. Aquidaban, 621	José dos Santos	282	—	4	—	14
DISTRITO DE PELOTAS	R. Princesa Isabel, 86	Pawlo Pawlenko	1074	—	4	4	36
Cachoeira do Sul	R. Saldanha Marinho, 644	Miracildo B. de Quadros	155	—	4	—	15
Canôas	R. 15 de Janeiro, s/n.º	Antônio Krieger	271	2	4	5	21
Pôrto Alegre I	R. Marquês do Herval, 349	Plínio Port	735	4	6	—	47
Pôrto Alegre II	R. Princesa Isabel, s/n.º	Leonildo G. Oliveira	661	1	6	2	45
Pôrto Alegre IV	R. Princesa Isabel, s/n.º	Nelson Delvaux	644	4	6	3	40
Pôrto Alegre V	R. Adão Bairo, 330	Dorival B. Kunz	114	2	6	5	35
Pôrto Alegre VI	R. Sta. Maria, 80	Daniel Thomas	579	6	2	3	12
Pôrto Alegre VII	R. Gen. Rondon, 42	Ivo da Silva	337	4	4	3	16
DISTRITO DE PÔRTO ALEGRE	R. Marquês do Herval, 349	Joaquim da Costa e Silva	3496	23	38	21	231
Cruz Alta	R. Coronel Pilar, 590	Ronald Peterson	162	—	2	—	1
Santa Maria	R. Vale Machado, 1678	Dennis Ahern	237	—	4	—	5
DISTRITO DE SANTA MARIA	R. Vale Machado, 1678	Gideon Gay	399	—	6	—	6
Santa Rosa	R. Mal. Floriano, 2102	Wayne Hayes	45	—	2	—	3
Santo Ângelo	R. Buenos Aires, 59	Décio Oliveira	27	—	4	3	11
DISTRITO DE SANTO ÂNGELO	R. Mal. Floriano, 2102	Keith Evans	72	—	6	3	14
Caxias do Sul	R. Júlia de Castilhos, 876	Ari Thomas	107	—	4	1	2
Lages	R. João de Castro, 451	Doug Cardon	104	—	2	—	2
Montenegro (dependente)		John Williams	—	—	2	—	—
Nôvo Hamburgo	R. Pedro Adams, 5355	Reinaldo Grahl	163	—	4	—	16
São Leopoldo	R. Theodomiro Fonseca, 484	Dennis Leatherman	179	—	4	—	12
Vacaria (dependente)	R. Dr. Flôres, 157	John Pottenger	—	—	—	—	9
DISTRITO DE SÃO LEOPOLDO	R. Pedro Adams, 5355	Darcy Garcia da Silva	553	—	16	1	41
Alegrete	R. Valdemar Masson, 85	Michael Vehawn	437	—	4	—	14
São Borja	R. Gal. Marquês, 1355	Steve Elgan	99	—	2	5	19
Uruguaiana	R. 7 de Setembro, 1915	Toribio Chamorro	264	—	2	1	5
DISTRITO DE URUGUAIANA	R. 7 de Setembro, 1915	Dale Black	800	—	8	6	38
MISSÃO BRASIL SUL	R. Dr. Flôres, 105, 14.º and.	ORSON P. ARNOLD	8583	23	114	47	484



O edifício que abriga o Ramo de São Leopoldo

O Rumo dos Ramos em

São Leopoldo - MBS

O desenvolvimento que a Igreja vem experimentando em São Leopoldo, cidade de colonização alemã vizinha a Pôrto Alegre, tem causado admiração até mesmo aos não-membros por contar já o Ramo dessa cidade, moldada pelo protestantismo, mais de 160 membros.

O Ramo de São Leopoldo foi iniciado em 1961. Os primeiros missionários encontraram a costumeira resistência inicial que atualmente cedeu lugar a um crescimento firme e entusiasmador. A capela, uma bela casa

circundada, por jardins e árvores, situada na R. Theodoro P. Fonseca, 484, tornou-se também sede do Distrito de São Leopoldo, que congrega ainda os ramos de Lages, Nôvo Hamburgo e dois ramos dependentes: Montenegro e Vacaria.

Os membros de São Leopoldo pretendem iniciar a construção de sua capela própria, dentro de um ano. Para êsse fim, já foi adquirido um terreno na zona central da cidade.

Missão Brasil Norte

“E indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus.”

Mateus 10:7

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Mis- sionários	CONVERSÕES Setembro	TOTAL
Anápolis	(não há ramo)				4	—	—
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	437	164	12	8	67
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Robert G. Taylor	267	105	8	3	20
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Pedro B. Pradera	370	144	8	6	39
Golânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Fenton L. Broadhead	201	78	8	4	72
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Gerold Rey	270	92	6	—	10
TOTAL DA ÁREA			1545	583	46	21	208
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Ovídio C. Vielra	440	129	22	9	96
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	408	135	14	2	26
Meier	R. Silva Telles, 99	Mário N. Campanella	263	103	8	1	53
Niterói	R. Miguel Couto, 413	Geraldo de J. S. e Silva	377	133	16	13	55
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Kent Gale	57	15	4	—	17
Petrópolis	R. Tereza, 52	Waldemar Sandri	149	57	4	—	9
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	João Bonatti	124	48	2	—	—
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Rubens A. Galdo	401	140	14	9	62
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	91	20	4	—	9
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	83	20	—	—	—
DISTRITO DO RIO DE JANEIRO	R. Silva Telles, 99	JOÃO A. DIAS FILHO	2393	800	88	34	327
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	83	21	4	1	21
Fortaleza	R. Barão de Aracati, 786	Palge Jeffs	70	24	8	2	16
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	160	31	4	3	15
Maceió	R. Uruguai, 321	Dean Cleverly	50	15	4	2	7
Recife	R. das Ninfas, 30	Evaldo F. de Oliveira	445	151	12	9	46
DISTRITO DE PERNAMBUCO	R. das Ninfas, 30	ALFREDO F.T. DE MIRANDA	808	242	32	17	105
MISSÃO BRASIL NORTE	R. Stefan Zweig, 158	HAL R. JOHNSON	4746	1625	166	72	640



Nossas capelas, construídas em moderna linha arquitetônica, contribuem grandemente para a divulgação da Igreja

Capela Própria

O que é necessário à consecução desse objetivo?

Manoel Marcelino Netto

Representante do Departamento Financeiro da Igreja no Brasil

Ao observarem uma das capelas da Igreja, com tôdas as suas comodidades e espaço destinados ao bom desenvolvimento dos programas requeridos pelo Evangelho, os membros de ramos e alas que ainda funcionam em prédios adaptados, muitas vezes perguntam: O que é preciso fazer para que tenhamos uma capela própria? Eis aqui os vários passos necessários à consecução desse objetivo:

1 — FREQUÊNCIA E ATIVIDADE: Ao examinar as possibilidades de construção de uma capela, o Departamento de Construção verifica a frequência e a atividade dos membros na Igreja. É muito importante que, no mínimo, 70 membros freqüentem assiduamente as reuniões e na ala ou ramo haja um Sacerdócio firme.

2 — APRESENTAÇÃO DOS PLANOS PRELIMINARES: Se o ramo ou ala satisfizer os requisitos acima mencionados, deverá solicitar ao Departamento de Construção da Igreja no Brasil (R. Itapeva, 378; São Paulo — Capital) sua aprovação e apoio para o projeto pretendido. O Comitê de Construção, em Salt Lake City, após estudar as estatísticas do ramo ou ala, enviará ao Supervisor da área no Brasil um plano preliminar que será

apresentado à unidade interessada para a sua aprovação. Nessa oportunidade, o supervisor da área esclarecerá a respeito da participação dos membros no projeto. Aceito a plano preliminar pela unidade, o supervisor é autorizado a completar as plantas necessárias à construção, ocasião em que preparará uma estimativa do custo do projeto, o orçamento.

3 — APRESENTAÇÃO DO ORÇAMENTO AO RAMO OU ALA: Após completar o orçamento do projeto, o supervisor de construção visitará a unidade interessada, para apresentá-lo aos membros, a fim de que estes se disponham a aceitar as diversas tarefas e encargos pelos quais terão que se responsabilizar durante a construção da capela. (Nesta fase, a liderança e os membros comprometem-se a doar dinheiro e mão de obra ao projeto).

4 — REMESSA DO ORÇAMENTO A SLC: O orçamento e os compromissos assumidos pela unidade são, a seguir, apresentados ao Comitê de Construção e ao Comitê de Despesas em Salt Lake City que, após estudarem as possibilidades dos membros quanto aos compromissos de doarem mão de obra e dinheiro, aprovarão ou não o prosseguimento do projeto.

5 — **SUPERVISÃO:** Uma vez aprovado o orçamento, o Escritório da Construção Geral no Brasil providenciará o supervisor para o projeto, assumindo todas as responsabilidades técnicas, contábeis e de compras do projeto.

6 — **COMITÊ DE CONSTRUÇÃO DO RAMO OU ALA:** Assim que o projeto estiver para ser iniciado, deverá ser formado um Comitê de Construção do Ramo ou Ala, obedecendo ao seguinte esquema: Sob a liderança do bispo ou do presidente do ramo, deverá reunir-se pelo menos uma vez por semana com o supervisor do projeto, para organizar a execução das tarefas, e realizar freqüentes programas para angariar fundos para o projeto.

7 — **DISTRIBUIÇÃO DO COMPROMISSO LOCAL:** O compromisso local deverá ser sempre distribuído da seguinte maneira:

A **mão de obra** deverá ser sempre fornecida na quantidade e no tempo combinados, devendo os parti-

cipantes completar tarefas definidas, sob a direção do supervisor. Se os membros falharem em realizar as tarefas a eles designadas, provocarão aumento do seu compromisso em dinheiro, pois o ramo ou ala terá que arcar com as despesas. A unidade poderá dispor de precioso auxílio, empregando o trabalho de **construtores de capelas** (antigamente chamados missionários construtores), os quais são inteiramente sustentados pela unidade que recebe o crédito pelas tarefas executadas.

Antes do processamento do pedido de construção da capela, o ramo ou ala deverá depositar uma parte do **compromisso em dinheiro** (no mínimo Cr\$ 2.500,00) com o representante do Departamento Financeiro da Igreja no Brasil. Normalmente, nenhum projeto é aprovado sem êsse depósito inicial. Durante a construção, havendo dívida com referência ao compromisso em dinheiro, esta deverá ser inteiramente saldada antes do término da construção da capela.

“...Se tendes desejo de servir a Deus,
sois chamados ao trabalho.”

D&C 4:2

Paulo Dias Machado

Pode-se dizer que a sociedade em que vivemos é composta de três tipos de pessoas: os que **fazem** as coisas acontecerem; os que **deixam** as coisas acontecerem e os que **nem vêm** as coisas que acontecem.

Em que categoria você se enquadra? Já se deu conta disto? De acordo com o nosso propósito na vida, em qual destes grupos nosso Pai Celestial quer-nos ver?

Permita-nos ajudá-lo a responder a estas questões perguntando se já se converteu inteiramente num verdadeiro discípulo do Senhor ou se apenas tenta fazer parte do requerido a um verdadeiro converso?

Dependerá da sua resposta o seu enquadramento naqueles grupos. Não obstante, você deseja pertencer ao primeiro e isto é o que também desejamos. De que forma conseguiu-lo?

Servir na Igreja é uma das melhores maneiras de pertencer ao grupo dos que fazem acontecer coisas. Certamente, você estará nesse grupo, se viver segundo estas palavras do Senhor:

“Portanto, ó vós que embarcais no serviço de Deus, vede que o sirvais de todo o coração, poder, mente e

fôrça, para que possais comparecer sem culpa perante o tribunal de Deus, no último dia.

“Portanto, se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho.

“Ensinaí diligentemente e a minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do Evangelho e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é conveniente compreender.” (D&C 4:2,3; 88:78)

Um dos bons modos de servir à Igreja é trabalhar como professor nas organizações auxiliares. Após um período de treinamento didático, você deve empenhar-se com todo o entusiasmo que êste chamado requer.

Devidamente treinado e orientado, você terá real oportunidade de servir a Deus, ajudando na salvação de muitos irmãos, **fazendo** coisas acontecerem.

(“Curso de Treinamento Didático”, manual do instrutor de professores, em elegante capa rígida azul, está à disposição dos interessados no CEB. Preço: 16,00).

Boas Maneiras no Casamento

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Passaram-se uns dois séculos e meio desde que Richard Steele, ensaísta e dramaturgo britânico (1672-1729) escreveu: "Duas pessoas que se escolheram mutuamente entre todos os de sua espécie,... para darem um ao outro conforto e entretenimento, com êste ato comprometeram-se a ser bem-humorados, afáveis, discretos, clementes, pacientes e alegres, respeitando as fraquezas e imperfeições um do outro". É um bom resumo — ou, pelo menos, um bom início — do que se pode fazer ou esperar do casamento. O matrimônio não é um assunto frívolo, nem o deveria ser. Requer duradouras qualidades de caráter, devoção ao dever; enfrentar os fatos, solucionar problemas; trabalho, solvência; ambição honesta, formação de um lar, educação dos filhos; ajustamento à vida, aos outros, aos desapontamentos. É um relacionamento que, dia a dia, requer engenho mental, elasticidade emocional e absoluta honestidade. E ainda, o casamento exige boas maneiras — civilidade, bondade, cortesia. Dos estranhos, podemos afastar-nos ao nosso talante; amigos, podemos encontrar de tempos em tempos; mas o casamento é uma das relações mais constantes da vida. E quão importante não é que aqueles que se casam tenham convicções comuns, propósitos comuns, interesses e ideais comuns, e concordem na educação dos filhos, evitando a tragédia de dois pais impelindo os filhos em direções opostas, às vezes confundindo, às vezes destruindo a fé e separando a família. Seria difícil conceber decisão de maior alcance do que o casamento, levando em conta que a família foi destinada a perdurar para todo o sempre. Em nenhum lugar no mundo, deveria haver mais bondade, urbanidade, honestidade e dignidade. Em nenhum outro lugar, deveríamos ser mais puros, mais atenciosos. Em nenhum outro lugar que não o lar, deveríamos mostrar a melhor face do nosso "eu".